

# Revista Adventista

Órgão Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal

JULHO 1982

Em que  
crêem os  
Adventistas  
do Sétimo  
Dia

Breves  
discussões  
sobre 27  
crenças  
fundamentais



## As Crenças Fundamentais da nossa Igreja

Em que crêem os Adventistas do Sétimo Dia? Esta pergunta tem sido feita tantas vezes que a direcção da Revista Adventista decidiu incluir, a partir de Janeiro de 1982, dois a três artigos em cada número, no total de 27 acerca das nossas crenças fundamentais, a fim de prover uma resposta.

Numa palavra, os Adventistas crêem na Bíblia. Esta resposta apesar de bastante breve, é exacta. Já em 1847 Tiago White, um dos fundadores da Igreja, declarou: «A Bíblia é uma perfeita e completa revelação. É a nossa única regra de fé e prática.» — **A Word To The Little Flock**, pág. 13. Dois anos mais tarde a revista **Present Truth** (Verdade Presente), o primeiro periódico Adventista do Sétimo Dia fez uma afirmação idêntica: «A Bíblia é o nosso mapa — o nosso guia. É a nossa única regra de fé e prática, à qual deveríamos aderir firmemente.» — Dezembro, 1849, pág. 46.

Contrariamente ao que muitas outras igrejas têm feito, os Adventistas têm firmemente recusado adoptar um credo formal, receando que ao fazê-lo isso tivesse um efeito adverso na sua contínua busca da verdade. Mas formularam uma Declaração de Crenças Fundamentais. Esta declaração, que realça a sua compreensão corrente das doutrinas Bíblicas básicas, tem sido revista de tempos a tempos, tendo a revisão mais recente sido efectuada em 1980 na sessão quinquenal da Conferência Geral em Dallas, Texas, Estados Unidos da América.

A introdução da declaração começa com este parágrafo: «Os Adventistas do Sétimo Dia aceitam a Bíblia como seu único credo e mantêm certas crenças fundamentais como sendo ensinadas pelas Sagradas Escrituras. Estas crenças, tal como irão ser apresentadas, constituem a compreensão e expressão da igreja quanto ao ensino das Escrituras. A revisão desta declaração pode ser feita numa sessão da Conferência Geral quando a igreja dirigida pelo Espírito Santo, for levada a uma maior compreensão da Verdade Bíblica ou encontrar melhor linguagem para expressar os ensinamentos da Santa Palavra de Deus.»

Estes artigos especiais da Revista Adventista oferecem uma breve mas equilibrada discussão de cada uma das 27 crenças fundamentais da igreja. Cada discussão tem um título e está numerada a fim de corresponder à declaração de Dallas. A direcção da Revista Adventista crê que a publicação destes artigos realce, com exactidão, a compreensão presente da igreja destas 27 doutrinas. A declaração oficial destas crenças fundamentais, das quais estes artigos são uma expansão, encontra-se nas páginas 5 a 8 do **Seventh-day Adventist Yearbook** de 1981.

## SUMÁRIO

- As Crenças fundamentais da nossa Igreja
- Editorial
- «Mil Dias de Colheita»
- Funcionamento da Assembleia em Sessão
- Vós Sois a Luz do Mundo (S. Mateus 5:14)
- Endereços das Igrejas e Salas de Culto da Igreja Adventista do Sétimo Dia
- Lar para Estudantes Adventistas em Oliveira do Douro

## Revista Adventista

Publicação mensal

JULHO DE 1982  
ANO XLIII N.º 430

Director: J. MORGADO

Proprietária e Editora:



PUBLICADORA ATLÂNTICO

Redacção

e

Administração:

Rua Salvador Allende, lote 18, 1.º

Telefone 251 0844

2686 SACAVÉM CODEX

Execução gráfica:

SANTOS & COSTA, LDA. - artes gráficas  
Vale Travelho — 2480 Porto de Mós

Preços:

Assinatura Anual . . . 250\$00  
Número Avulso . . . 25\$00

ESTRANGEIRO: além do preço de assinatura, os portes são a cargo do assinante.

**Prezados Irmãos:**

A publicação de uma Revista especial para as Assembleias prende-se com a necessidade de, nos tempos conturbados em que vivemos, reafirmarmos os princípios fundamentais da nossa fé.

Jesus Cristo advertiu os Seus discípulos e cada um de nós que nos tempos finais da história deste planeta haveriam de surgir tais enganos, tais dúvidas provocadas por falsos profetas, que mesmo a fé dos fiéis poderia ser abalada.

Em certo sentido e em certos lugares situações destas começam a surgir. Por isso a Conferência Geral lembrou a necessidade de através do órgão oficial das nossas igrejas publicar uma série de artigos lembrando os pilares sobre que a nossa fé assenta.

Pedimos a todos os Irmãos e Irmãs, membros da nossa Igreja em Portugal, que se debrucem sobre este importante assunto e dele façam motivo de estudo e meditação.

O apóstolo Paulo na sua Epístola aos Gálatas, cap. 1:6, chama a atenção deles para a maneira como aceitavam novas ideias, novas doutrinas. Surgem por vezes, também, no nosso meio, certas pessoas que pretendem introduzir determinadas ideias que não estão conformes ao espírito da Igreja. Por outro lado, o mesmo apóstolo louva os cristãos de Bereia (Actos 17:11) pois receberam a palavra com toda a avidez, «examinando as Escrituras todos os dias para ver se as coisas eram de facto assim».

Nós somos um povo privilegiado pela quantidade de mensagens que o Senhor nos enviou através das Sagradas Escrituras e também nos últimos tempos pelo Espírito de Profecia. Talvez por possuímos tanto, nos consideramos de tal maneira ricos que pouco uso fazemos de tal riqueza. É esta situação que é reprovada à Igreja de Laodiceia. Precisamos de obter cada dia mais instrução, mais conhecimento de modo a que a nossa fé esteja alicerçada em princípios, em certezas tão seguras que consiga ultrapassar todos os temporais que sobrevenham.

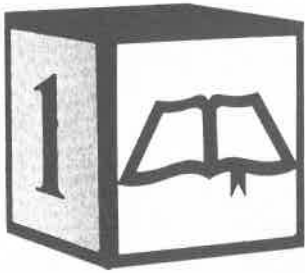
A existência desta situação é um sinal claro do breve e glorioso regresso de nosso Senhor Jesus Cristo.

O Evangelista Lucas registou as palavras de Jesus que afirmou: «Ora, ao começarem estas coisas a suceder, exultai e erguei as vossas cabeças, porque a vossa redenção se aproxima» (Lucas 21:28).

Que as mensagens que encontramos neste número especial da Revista Adventista possam ser um motivo de meditação e edificação para todos nós, são os votos do

Vosso irmão em Cristo

J. A. Morgado



# As Sagradas Escrituras

O Deus da Bíblia é um Deus que Se revela a Si mesmo a nós. Ele não nos deixa a sós no nosso estado de perdidos, alienados d'Ele por causa do pecado. Ele vem até nós, revelando-nos o Seu carácter, a Sua vontade, oferecendo-nos a salvação que Ele nos proveu. Ele é o Deus que falou: «Muitas vezes e de diversos modos outrora falou Deus aos nossos pais pelos profetas. Ultimamente nos falou por Seu Filho que constituiu herdeiro universal, pelo qual criou todas as coisas». (Heb. 1:1-2).

As Sagradas Escrituras, compreendendo o Velho e o Novo Testamentos, são o registo vivo da fala de Deus. Elas são mais do que a história de encontros divinos do passado, mais do que memoriais da fé de gerações passadas — elas são a Palavra de Deus. Foi Deus o Espírito Santo quem, primeiramente, as trouxe à existência, operando na mente dos escritores bíblicos (2 Pedro 1:20-21). O mesmo Espírito move-se através das Escrituras hoje, dirigindo-se a nós pessoalmente, chamando-nos de volta a Deus, convencendo-nos do pecado, iluminando as nossas mentes, e requestando os nossos corações: «Hoje, se ouvirdes a Sua voz, não endureçais os vossos corações» (Heb. 3:7-8). Uma vez que Deus é o autor das Escrituras, elas são vivas e imutáveis.

Tal como Jesus, o encarnado Filho de Deus, as Escrituras são o verbo feito carne (João 1:14). Elas são uma junção única do divino com o humano. Deus não ditou as Escrituras, nem no-las deu numa linguagem desconhecida do nosso mundo. Em vez disso, Ele revelou-Se em pessoas — pessoas com uma variedade de culturas, pessoas que eram bem ou pobremente educadas, pessoas de sangue real ou do povo. Deus actuou nas suas mentes, inspirando-as com a Sua mensagem para a humanidade; a seguir, essas pessoas expressaram os ideais divinos nas suas próprias palavras. Deste modo a Bíblia é ao mesmo tempo inteiramente humana, mas mais do que humana. Deus fala através das suas palavras humanas, pensamentos, padrões, e história. Embora a Bíblia tenha muitos escritores, tem apenas um único Autor.

---

**O eterno Deus ainda fala por meio das Escrituras Sagradas. A todo aquele que as abrir com um coração inquiridor Ele revela-Se a Si mesmo como o Seu Autor.**

---

As Escrituras são aptas a fazer-nos «sábios para a salvação, pela fé que há em Cristo Jesus» (2 Tim. 3:15). Elas são infalíveis em revelar o plano de Deus para a redenção da humanidade perdida. Tanto no Velho como no Novo Testamento esse plano é o mesmo, centralizando-se em Jesus Cristo. Toda a Escritura, quer profecia no Velho Testamento ou o seu cumprimento no Novo, testifica d'Ele (João 5:39; 1 Pedro 1:10-11).

Ele, a Palavra de Deus que se tornou carne (João 1:1, 2, 14), é a pessoa central da Palavra escrita de Deus.

Porque Deus não muda, a revelação do Seu carácter nas Escrituras é imutável. Porque a Sua maneira de salvar homens e mulheres perdidos é uma só, a descrição das Escrituras dessa maneira não pode jamais ser substituída ou invalidada. Porque a Sua vontade é fixa, a sua função instrutora é indispensável. E porque elas são a palavra de Deus, elas conclamam a cada um de nós para a salvação e obediência. Num mundo de fluxo e mudança, de alteração de valores e de reivindicações conflituosas acerca da verdade, elas permanecem como a norma infalível. Elas são uma lâmpada para os nossos pés e uma luz para o nosso caminho (Sal. 119:105). Elas provam a nossa experiência, a fim de não cairmos presa dos nossos sentimentos. Elas dizem-nos como viver dia a dia. Elas lembram-nos que somos filhos e filhas do Deus vivo, criados por Ele, amados por Ele, aceites por Ele em Jesus Cristo, e destinados a viver com Ele eternamente (2 Tim. 3:16-17). Nelas encontramos Jesus, o Verbo feito carne, o nosso Salvador e Senhor. Ao nos alimentarmos delas «nascemos de novo» (1 Pedro 1:23) e somos transformados diariamente na Sua imagem (2 Cor. 3:18).

Deste modo as Escrituras são a nossa luz, a nossa comida, o nosso refúgio. Assim como elas guiaram o povo de Deus em todas as épocas, assim são elas ainda «gozo e alegria» dos nossos corações (Jer. 15:16), a nossa consolação quando enlutados, o nosso conselheiro na prosperidade, e a nossa esperança de vida eterna.

A abordarmos o estudo das Escrituras, devemos lembrar-nos o seu carácter único. Meios ordinários de investigação são inadequados; precisamos da direcção do Espírito Santo. As coisas espirituais são discernidas espiritualmente (1 Cor. 2:11-14). Devemos ser abertos para com as Escrituras como a Palavra de Deus, prontos a receber instrução que Deus tem para nós. «Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas» (Apoc. 2:7, 11, 17, 29,; 3:6, 13, 22).

O convite de Deus á todos os homens e mulheres é «Provai e vede que o Senhor é bom» (Salmos 34:8). A todo aquele que abre a Bíblia com um coração inquiridor Ele revela-se a Si mesmo como o seu Autor.

As Sagradas Escrituras estão vivas com a Sua vida: Ele, o Deus que fala, ainda fala hoje.

Para estudo adicional:

Ver Prov. 30:5-6; Isa. 8:20; João 10:35; 17:17; I Tess. 2:13; Heb. 4:12.



## A Trindade

Embora outras religiões incluam uma «trindade» no seu panteão, somente o Cristianismo é marcado por uma crença num Deus Triúno — um Deus vivo e verdadeiro (existindo em três Pessoas coeternas distintas: Pai, Filho e Espírito Santo. As pessoas divinas nesta Divindade Triúna são imortais, todo-poderosas e oniscientes.

A Divindade é infinita e para além da compreensão humana, contudo conhecidas até à extensão em que se têm revelado a Si mesmas. Os membros da Divindade têm-se revelado a Si mesmos por meio das obras das Suas mãos na natureza, de obras providenciais, e na Palavra escrita — a Bíblia, e na Palavra viva — Jesus Cristo.

As Escrituras ensinam que Deus existe em três pessoas distintas, a Trindade:

1. *Deus o Pai* — «Para nós há um só Deus, o Pai de quem é tudo» (1 Cor. 8:6). «Um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos e por todos em todos» (Efes. 4:6).

2. *Deus o Filho* — «Porque n'Ele (Cristo) habita corporalmente toda a plenitude da divindade» (Col. 2:9). «Aguardando a bem-aventurada esperança e o aparecimento da glória do grande Deus e nosso Senhor Jesus Cristo» (Tito 2:13).

3. *Deus o Espírito Santo* — «Pedro disse: Ananias, porque tomou conta Satanás do teu coração, para que mentisses ao Espírito Santo?... Não mentiste aos homens, mas a Deus» (Actos 5:3,4). «Deus no-las revelou pelo Seu Espírito. ...Porque qual dos homens sabe as coisas do homem, senão o espírito do homem que nele está? ...ninguém sabe as coisas de Deus, senão o Espírito de Deus» (1 Cor. 2:10-11).

As três pessoas da Divindade são descritas na Bíblia como interligadas umas com as outras de maneira idêntica à que se verifica entre as pessoas. Elas usam pronomes pessoais quando falam umas das outras (ver Mat. 17:5; João 16:13, 28; 17:1). Elas amam e glorificam umas às outras (ver João 3:35; 15:10; 16:14). O Pai envia o Filho (Mat. 10:40), o Filho ora ao Pai (João 17:18), e o Pai e o Filho enviam o Espírito Santo como Seu agente (João 14:26; 16:7). As pessoas da Divindade são tão distintas que Se podem dirigir umas às outras, ama-

rem-se umas às outras, e agirem em relação umas com as outras. Cada uma delas tem também uma obra específica a realizar até mesmo quando operam juntas em actividades tais como a criação e a redenção.

A declaração Bíblica de que «Deus é amor» (1 João 4:8) aplica-se igualmente a cada pessoa da Divindade. De facto, para Deus ser amor desde a eternidade pressupõe mais do que uma pessoa na Divindade. Se Deus fosse apenas uma pessoa na eternidade, o Seu amor teria estado limitado ao amor a Si mesmo.

Embora nenhuma passagem das Escrituras declare formalmente a doutrina da Trindade, esta é assumida como um facto pelos escritores Bíblicos e mencionada diversas vezes. Ela encontra-se implícita em Génesis 1, onde Deus e o Espírito de Deus são descritos actuando na Criação. O Novo Testamento torna também claro que Cristo participou na Criação, como criador activo de facto (João 1:3; Col. 1:16-17; Heb. 1:2). Mateus 28:19 ordena o baptismo «em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo». Aqui a doutrina da Trindade parece ser realçada de maneira tal a conferir-lhe forte ênfase como ponto de fé.

Na ocasião do baptismo de Cristo a realidade da Divindade Triúna esteve evidente no aparecimento das três pessoas duma vez. Mateus 3:16-17 descreve Deus o Filho — Jesus — sendo baptizado. O Espírito de Deus manifestou-se na forma duma pomba descendo sobre Ele. Ao mesmo tempo ouviu-se a voz de Deus o Pai proclamando: «Este é o Meu Filho Amado em quem Me comprazo».

Lucas 1:35 inclui todas as três pessoas da Divindade no anúncio do anjo a Maria de que o Céu a havia escolhido para ser a mãe do Messias. O Espírito Santo deveria vir sobre ela. O poder do Altíssimo a haveria de cobrir com a Sua sombra. E o Filho de Deus deveria nascer dela.

Jesus reconheceu a distinção entre as pessoas da Divindade quando declarou: «Quando vier o Consolador, que Eu da parte do Pai vos hei-de enviar, aquele Espírito de Verdade, que procede do Pai, Ele testificará de Mim». (João 15:26).

A chamada «benção apostólica» de Paulo também reforça este ensino. Numa oração dirigida a Cristo para graça, ao Pai para amor e ao Espírito Santo para comunhão o apóstolo inclui as três pessoas da Divindade: «A graça do Senhor Jesus Cristo e o amor de Deus, e a comunhão do Espírito Santo seja com vós todos. Amém». (2 Cor. 13:14).

### Provas tradicionais de Deus

Somente pela fé podemos aceitar a existência da Trindade. Contudo, a razão fornece evidências que apoiam a nossa crença em Deus. Através dos séculos os teólogos têm desenvolvido o que se tornou conhecido como as provas tradicionais de Deus. São elas:

1. *A prova moral* — O anseio de cada pessoa para o «supremo bem» implica a existência dum ser moral. A consciência e a moral distinguem os humanos dos animais. Deve haver uma fonte independente e coerente da moral humana — Deus.

2. *A prova mental* — As qualidades humanas da mente, imaginação, e inteligência podem apenas ser explicadas por meio da postulação quanto a um Ser todo-inteligente.

3. *A prova cronológica* — Porque cada efeito tem a sua causa, uma cadeia infinda deve proceder de volta para a «Primeira Causa» ou «Promotor». Coisa alguma pode proceder do nada.

4. *A prova teológica* — As intrincadas estruturas e modelos encontrados na natureza, que variam da borboleta ao cérebro humano, tornam necessário a existência dum inteligente Criador. É difícil a alguém que já construiu um computador crer que

o fabuloso computador — o cérebro humano — poderia ter surgido por acaso.

5. *A prova ontológica* — O Arcebispo de Cantuária, do século XI, Anselmo, definiu Deus como «um Ser superior a todas as coisas.» Ele raciocinava que, sendo a existência uma parte dum tal perfeito e necessário Ser, este Ser deveria, na verdade existir. Se é possível que um tal concebível Ser exista, então Ele deve existir na realidade.

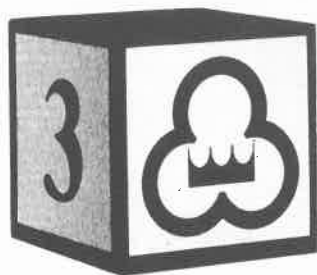
6. *A prova experimental* — Difundidas experiências religiosas indicam que deve haver alguma coisa ou Alguém por detrás delas. O facto de que tantas pessoas em toda a parte têm sentido Deus nas suas vidas torna claro que há um Deus que criou e sustém o mundo.

Estas «evidências de Deus» têm os seus apoiantes e os seus detractores desde que foram pela primeira vez formuladas. No século passado abundaram mais os últimos que os primeiros. Mas recentemente muitos dos filósofos e teólogos que estudam tais assuntos têm estado a observar estas velhas evidências segundo uma nova maneira, tomando-as mais a sério e, em certos casos, adaptando-as e actualizando-as a fim de as conformarem com o pensamento corrente.

Para além destas evidências racionais, contudo, Deus convida-nos a conhecê-l'O por experiência. O Deus triúno promete: «E buscar-Me-eis, e Me achareis, quando Me buscardes de todo o vosso coração» (Jer. 29:13).

Para estudo adicional:

Ver Deut. 29:29; Efés. 4:4-6; I Ped. 1:2; I Tim. 1:17



## O Pai

Aborrecidos com o culto do eu, muitas pessoas hoje estão olhando para alguma coisa melhor.

E há alguma coisa melhor, alguma coisa mais satisfatória — conhecer a Deus. Felizmente, Deus quer que O conheçamos, por isso Se revelou a Si mesmo de muitas maneiras — em primeiro lugar, na Bíblia.

A Bíblia não faz qualquer tentativa directa para provar a existência de Deus — assume-a. As primeiras palavras da Bíblia «No princípio criou Deus os céus e a terra» (Gén. 1:1), revelam muito acerca de Deus. Antes que o mundo existisse, Ele existe. Ele é o Criador e a Fonte da matéria e da vida.

Todavia, há muito acerca da natureza essencial de Deus que nós não conhecemos, porque Ele não

no-lo revelou. Entre essas coisas que não foram reveladas estão a natureza da Sua essência e como pode Ele ser eterno, infinito, e onnipresente. Mas a Sua natureza é, até certo ponto, compreendida na maneira como Ele trata connosco, assim como naquilo que Ele nos diz acerca de Si mesmo. O ponto central da Sua auto-revelação é a Sua certeza de «amor constante».

O Novo Testamento, especialmente, descreve Deus como o nosso amoroso Pai celeste (Mat. 5:45; 1 João 4:8). Pela adopção em Cristo, tornamo-nos Seus filhos e filhas (João 1:12, 13). Deus, o nosso Pai celestial, não é alguma espécie de força impessoal.

A declaração de Jesus à mulher samaritana junto ao poço de Sicar de que «Deus é espírito»

(João 4:24) não se destinava a indicar que Deus não tem forma ou personalidade ou actividade. A declaração de Cristo está relacionada com o poder e a qualidade e não com a essência do Seu Ser. A natureza do infinito Deus está para além da dos humanos finitos e não deve ser confundida com a nossa natureza. Ele é sobrenatural e excelso, para além da nossa capacidade de compreensão. Ele existe num plano, ou dimensão, que nos é incompreensível.

Todavia o conceito Hebraico de espírito é mais concreto do que abstracto. Deus ocupa espaço embora seja invisível aos olhos humanos. Fomos criados à Sua imagem (Gén. 1:27), o que indica que Ele tem uma forma específica. Através de toda a Bíblia Ele é referido como uma pessoa. Embora, sem dúvida, os termos usados nas Escrituras para O descrever sejam seleccionados devido a serem facilmente compreendidos pelos seres humanos, eles O retratam como uma pessoa. Ele fala, ouve, vê e es-

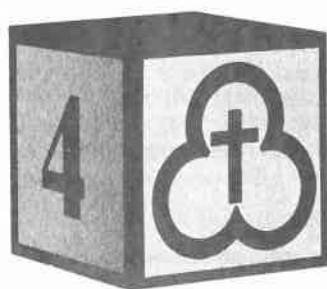
creve. Ele lamenta, ofende-se, manifesta ira e alegria. Ele possui uma vontade (2 Cor. 1:1; Salmos 40:8), julga (Rom. 2:16; Sal. 7:11), perdoa (Isa. 55:7), e guarda segredos (Deut. 29:29). Contudo Ele está acima de tudo. Tudo criou, e a tudo sustém. Ele é onipotente (Apoc. 19:6), sublime e santo (Isa. 57:15), onisciente (1 João 3:20), possui sabedoria infinita (Efés. 1:8), é eterno e imortal (1 Tim 1:17), Jer. 23:24) — isento de todas as limitações do espaço nas Suas actividades.

Além disto, Deus mesmo é o centro que determina e dirige o que está a acontecer no nosso universo. Ele concebe propósitos e opera para que os Seus propósitos sejam levados a cabo e cumpridos.

As qualidades e poderes exibidos em Deus o Filho e Deus o Espírito Santo também nos revelam como é o Pai.

Para estudo adicional:

Ver Apoc. 4:11; I Cor. 15:28; João 3:16; Exo. 34:6-7; João 14:9.



## O Filho

A nossa esperança de salvação centraliza-se apenas em Jesus. O termo pelo qual Ele é conhecido, o Filho do Homem, reflecte o Seu lugar no plano da salvação, um papel determinado antes do mundo ter sido criado. Ele nasceu neste mundo na forma humana (Heb. 1:5-6). Antes da Sua encarnação Ele existia desde a eternidade, como Deus, no sentido mais pleno e elevado. Ele é Deus em natureza, em poder e em autoridade (João 1:1-2; 17:5, 24; Fil. 2:6).

Cristo é o Criador de todas as coisas (João 1:3; Col. 3:16-17; Heb. 1:2). Depois de Adão e Eva terem pecado Cristo continuou a ter íntimo contacto com o mundo. Ele era o membro da Trindade que deveria esvaziar-se a Si mesmo, ser «feito como os homens» e tornar-se «obediente até à morte e morte de cruz» (Fil. 2:7-8). É por Seu intermédio que o carácter de Deus é revelado aos caídos seres humanos, que a salvação da humanidade é concretizada e o mundo julgado (João 5:25-29).

Para sempre verdadeiramente Deus, Cristo tornou-se verdadeira e completamente humano. Centenas de anos antes de ter nascido, os profetas pre-disseram o Seu nascimento virgem e o lugar onde havia de nascer — Belém (Isa. 7:14; Miqueias 5:2). Concebido do Espírito Santo e nascido da Virgem

Maria, cresceu na aldeia montanhosa de Nazaré da Galiléia.

Durante a Sua vida na terra Jesus viveu e sentiu a tentação como ser humano mas nunca pecou, exemplificando perfeitamente a justiça e o amor de Deus e deixando-nos um perfeito exemplo a seguir (Heb. 2:16-18; I Ped. 2:21-22).

Cristo viveu uma vida simples e isenta de egoísmo. Enquanto criança, adolescente e jovem Ele ajudou o Seu pai adoptivo na carpintaria em Nazaré, sendo sempre agradável e interessado nos outros. Quando Ele tinha cerca de 30 anos de idade (Lucas 3:23), foi baptizado por imersão, por João Baptista no rio Jordão (Mat. 3:13-17). Ele não foi baptizado a fim de ser purificado do pecado, pois jamais pecara, mas para «cumprir toda a justiça (vers. 15).» Ao fazer-Se baptizar Ele identificou-Se com os pecadores, dando os passos que nós devemos dar e fazendo o que nós devemos fazer.

**Cada ensino da Igreja Adventista do Sétimo Dia se centraliza em Jesus Cristo.**

Quando Jesus foi baptizado o Espírito Santo

desceu sobre Ele na forma visível numa pomba e a voz de Deus vinda dos céus pronunciou as palavras: «Este é o Meu Filho amado, em quem Me comprazo» (vers. 17). Após este acontecimento Jesus dependeu cerca de três anos no Seu ministério amoroso e altruísta, procurando levar a mensagem do evangelho tanto a ricos como a pobres, Judeus e Gentios.

Por meio de milagres, incluindo milagres de cura e até ressurreição de mortos, Jesus manifestou o poder e o amor de Deus, comprovando desse modo ser o Messias prometido.

Os Seus ensinamentos eram ímpares na sua simplicidade, atracção e poder para mudar os corações e as vidas. Até mesmo os oficiais do templo que foram enviados para O prender numa dada ocasião do Seu ministério sentiram-se impotentes para O fazer em virtude de terem ficado impressionados com o poder e racionalidade dos Seus ensinamentos. Quando lhes foi perguntado porque não O haviam prendido, apenas puderam responder: «Nunca homem algum falou como este homem» (João 7:46).

Antes da fundação do mundo a Trindade havia preparado um plano para fazer face à eventualidade de surgir o pecado na terra (Efés. 1:4). Por meio da morte de Cristo os que O aceitarem poderão tornar-se filhos de Deus e herdeiros da vida eterna (João 3:16; I João 5:11-12). Quando Jesus estava preparado para iniciar o Seu ministério, João Baptista apontou-O como «o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo» (João 1:29). Jesus concluiu o Seu ministério altruísta com o Seu sacrifício — dando a Sua vida a fim de providenciar aos seres hu-

manos um meio de escape do pecado e das suas consequências.

Jesus sofreu e morreu voluntariamente na cruz do Calvário pelos nossos pecados e no nosso lugar. Mas a morte e a sepultura não podiam reter o Criador. Ele ressuscitou dos mortos e ascendeu aos céus depois de aparecer várias vezes aos Seus discípulos e comissionando-os a levar avante a pregação do evangelho que Ele havia começado durante o Seu curto ministério.

Ele não abandonou ou Se esqueceu do Seu povo após a Sua ascensão, mas iniciou um novo ministério em nosso favor no santuário celeste — um ministério de intercessão e preparação do Seu povo para um lugar no reino que Ele planeia restaurar sobre a terra.

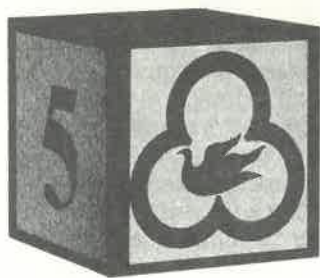
Cristo voltará em breve, voltando nas nuvens de glória com os Seus santos anjos para a libertação final do Seu povo e a restauração de tudo aquilo que se tem perdido através do pecado.

A ênfase ou foco da Bíblia é Jesus Cristo. Ele é o centro de cada ponto de fé da Igreja Adventista do Sétimo Dia. «N'Ele vivemos, e nos movemos e existimos» (Actos 18:28).

É o amor de Cristo que nos leva a obedecer aos Seus mandamentos, seguirmos o Seu exemplo, e Lhe submetermos as nossas vidas a fim de que Ele possa viver, pelo Seu Espírito, em nós.

*Para Estudo Adicional:*

Ver Lucas 1:35; João 1:1-3, 14; 5:22; 10:30; 14:9; Rom. 5:18; 6:23; I Cor. 15:3-4; II Cor. 5:17-21; Heb. 4:15; 7:25; 8:1-2; 9:28; Apoc. 22:20.



## O Espírito Santo

As lâmpadas bruxoleavam no quarto alto enquanto os discípulos conversavam com o seu Mestre. As perguntas que eles então fizeram a Jesus, após 3 anos de associação com Ele, revelam que eles ainda não haviam compreendido completamente o objectivo da Sua missão na terra. Eles continuavam a esperar que Ele libertasse a Sua nação do domínio Romano. Ao procurar Ele prepará-los para os acontecimentos alarmantes prestes a ocorrerem, Jesus podia aperceber-Se da sua confusão. A fim de aliviar os seus temores quanto ao futuro, Jesus falou-lhes da dádiva que Ele e o Seu Pai haveriam de dar ao mundo — o Espírito Santo. «Não vos

preocupeis com o futuro», disse-lhes Ele, com efeito. «Tereis a Minha presença convosco na forma do Espírito Santo. Ele vos guiará e sustera em toda a experiência, ainda que difícil e probante.»

Como um dos membros da Trindade o Espírito Santo é uma pessoa e plenamente divino. Ele esteve activo com o Pai e o Filho na Criação e tem estado intimamente envolvido desde então na obra do plano da redenção.

João 14, 15 e 16 regista a descrição de Cristo da obra do Espírito Santo. Ele é chamado o Espírito de Verdade (cap. 14:17), que será enviado em nome de Jesus (vers. 26) para habitar com os discípulos



(vers. 17). «Ele vos ensinará todas as coisas, e vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito» (vers. 26). Ele foi enviado para testificar de Jesus (cap. 15:26). E porque Ele não é limitado pelo tempo ou espaço, Ele podia representar Jesus às pessoas de todo o lugar e em todos os tempos.

Além de operar com os discípulos de Cristo, capacitando-os a cumprir a sua missão, o Espírito Santo estaria presente entre os inconversos, convencendo-os do pecado, da justiça, e do juízo (cap. 16:8).

É possível que a pessoa e a obra do Espírito Santo sejam menos compreendidas do que a dos outros membros da Trindade. Isto deve-se ao facto da natureza da Sua obra ser apresentar Cristo e o Pai em vez de a Si mesmo. Por meio do ministério do Espírito Santo os santos homens de Deus escreveram as Escrituras, que testificam de Jesus (2 Pedro 1:21). Ele encheu a vida de Cristo com poder. Por meio do Seu ministério as Escrituras tornam-se vivas hoje, tornando Cristo real, abrandando os nossos corações para com o Salvador, e capacitando-nos a viver para Ele.

O Espírito Santo está envolvido em cada por menor da nossa experiência cristã. Quando nos aproximamos de Deus é porque o Espírito tem estado a operar nos nossos corações para nos dar o desejo de aprender acerca de Deus, para viver como Deus deseja que vivamos. Quando queremos aprender mais acerca de Deus por intermédio da Bíblia e pedimos compreensão, o Espírito Santo guia-nos

aos textos que devemos estudar, ajuda-nos a adquirir clara compreensão através do nosso estudo e das impressões divinas acerca do que os textos significam, e ajuda-nos a aplicar às nossas vidas o que tivermos lido. Dá-nos então força para vivermos as verdades que tivermos aprendido. Quando nos entristecemos pelos nossos pecados e nos arrependemos, é porque o Espírito Santo esteve operando.

O que quer que compreendamos acerca de Deus e Jesus, compreendemo-lo melhor devido ao Espírito Santo, que numa maneira humilde, despreziosa, tem estado a realizar a obra que foi comisionado a fazer em cada pessoa.

O Espírito Santo também fortalece a Igreja e os indivíduos por meio de dons espirituais, alguns dos quais são espectaculares na sua natureza, enquanto que outros são menos dramáticos mas igualmente essenciais. Alguns dos dons do Espírito são mencionados em Efésios 4:11: «E Ele mesmo deu uns para apóstolos, e outros para profetas, e outros para pastores e doutores.» (Ver também Rom. 12:6-8; 1 Cor. 12:4-11, 28-31; 13:1-3).

Mencionado tanto nos primeiros como nos últimos versículos da Bíblia, o Espírito Santo tem estado activo na criação, encarnação e redenção. Como representante pessoal de Jesus, Ele opera a favor das pessoas o mesmo que Jesus faria se estivesse fisicamente presente.

Para estudo adicional

Ver Lucas 1:35; 4:18; Actos 10:38; Rom. 1:1-4; 2 Cor. 3:18; Efés. 4:11 e 12.



## A Criação

«Pela fé entendemos que os mundos pela palavra de Deus foram criados; de maneira que aquilo que se vê não foi feito do que é aparente» (Heb. 11:3). Porque é impossível provar cientificamente como e quando se originou a terra, é «pela fé» que discernimos a mão de Deus na Criação.

«No princípio criou Deus os céus e a terra» (Gén. 1:1), e Ele tem revelado nas Escrituras o relato autêntico da Sua actividade criadora. A declaração Bíblica de que «a terra era sem forma e vazia (vers. 2) quando Deus a trouxe à existência leva-nos a crer que Deus criou todas as coisas vivas sobre a terra, e o ambiente próprio à vida dessas mesmas coisas vivas, durante seis dias literais consecutivos de Criação (Êxo. 20:11).

O relato genealógico na Bíblia parece indicar uma curta cronologia, sugerindo que a Criação teve lugar não há muitos milhares de anos atrás.

Não somente aponta a Bíblia a Deus como o Criador de todas as coisas, mas revela o Seu envolvimento pessoal contínuo com a Sua criação neste planeta e com os seres humanos em particular. O propósito de Deus em estabelecer e manter uma ligação pessoal com a Sua criação é claramente revelado no próprio relato da Criação, pela relação inicial de Deus com os seres humanos, e o Seu trato para com eles desde a queda.

A Bíblia liga directamente a Criação com o sétimo dia o Sábado, que foi instituído como memorial da Criação pelo próprio Criador no fim da semana

literal da Criação (Gén. 2:1-3). A fiel observância do Sábado é ordenada por Deus e serve de contínuo memorial do Criador e da semana da Criação.

Deus criou Adão e Eva à Sua imagem com a capacidade de gozar companheirismo com Ele. Quando a obediência e lealdade que pertencem apenas ao Criador foram rendidas a Satanás no Éden, a relação harmoniosa entre Deus e os seres humanos foi quebrada. A primeira entrada do pecado, com os seus efeitos degenerativos sobre os seres humanos (Rom. 5:12, 17, 19), teve efeitos desastrosos em toda a criação terrestre de Deus. Embora o plano, ordem e beleza na natureza ainda revelem a evidência duma mão amorosa, o maligno tem-se intrometido para ocultar e degradar a outrora bela e perfeita criação. Consequentemente os efeitos do pecado tudo obscureceram. Devido a isto, é somente por meio de revelação especial que os seres humanos, com a ajuda do Espírito Santo, podem interpretar correctamente a mensagem da natureza relativa à origem do nosso mundo e do carácter do seu Criador.

### Esboço de seis dias

A despeito das tentativas para harmonizar o relato de Génesis com a crença numa longa era durante a qual a criação surgiu progressivamente, somente a aceitação de Génesis 1 como esboço daquilo que, na realidade, teve lugar durante seis dias de 24 horas se pode harmonizar com o pleno relato Bíblico.

Na criação do mundo Deus não dependeu de matéria pré-existente. Por ordem divina foi o mundo criado **ex nihilo** — do nada. «Aquilo que se vê não foi feito do que é aparente» (Heb. 11:3). O advento da ciência nuclear tornou possível compreender até certo ponto como o poder de Deus pôde ser transformado em matéria para trazer este mundo à existência.

A terra é uma porção diminuta da criação de Deus. «Porque n'Ele foram criadas todas as coisas que há nos céus e na terra, visíveis e invisíveis» (Col. 1:16). O autor de Hebreus declara que «Ele criou os mundos» (Heb. 1:2; versão Inglesa). Se estes outros mundos são habitados não é especificamente declarado nas Escrituras, mas está implícito na reunião dos «filhos de Deus» em Jó 1 e no con-

ceito Bíblico da vindicação do governo e da justiça de Deus perante o universo no juízo (Dan. 7). É difícil crer que o nosso mundo seja o único planeta habitado no grande universo de Deus.

O primeiro homem, Adão, e a primeira mulher, Eva, foram criados à imagem de Deus como a obra prima da criação (Gén. 1:26). Foi-lhes dado o domínio sobre o mundo e encarregados com a responsabilidade de cuidar dele (vers. 27-30). Quando a obra da criação foi acabada, Deus declarou que tudo era «muito bom» (vers. 31).

O significado da vida, o propósito da existência humana, e o objectivo final dum mundo restaurado à sua criada beleza original podem apenas ser compreendidos ao nos serem comunicados pelo nosso benevolente Criador, que colocou os nossos primeiros pais num mundo perfeito. Se não fosse a Criação, se este mundo fosse apenas o produto de cego acaso, se não houvesse um Deus na criação, não podia haver qualquer lei, ordem, ou harmonia no universo.

Uma das maiores evidências para a crença de que há um Criador são as leis que os cientistas têm descoberto em operação no Universo e a tremenda complexidade da vida propriamente dita. A lógica e a razão protestam contra a possibilidade dum organismo complexo, como o corpo humano, com o seu grande número de intrincados sistemas relacionados e funções, pudesse ter vindo à existência por mero acaso. Apesar do facto da teoria da evolução, que explica que todas as formas complexas de vida se desenvolveram de simples células vivas, ser aceite quase universalmente hoje, não tem sido e não pode ser cientificamente provada ou confirmada.

Mas mais significativo é o princípio de amor e benevolência envolvido na história Especial da Criação — o Deus de amor que não somente criou mas, sustém toda a criação numa base de momento a momento (Col. 1:17; Heb. 1:3).

Cristo, o Criador que pela Sua palavra trouxe o mundo à existência (João 1:1-3, 14), manifestou o Seu amor por este mundo não somente na Criação original mas na disposição de morrer em nosso favor (cap. 3:16), de maneira que este mundo pudesse ser recriado e restaurado à perfeição que existia antes do pecado ter manchado a obra da Criação (Apoc. 21, 22).

*Para Estudo Adicional:*

Ver Jó 38:41; Sal. 19:1-6; 33:6-9; Isa. 40:25 e 26; 45:12; Actos 17:23-28; 1 Cor. 8:5 e 6; Efés. 3:9.

Uma Revista Adventista em cada lar



# A Natureza do Homem

Quando Deus decidiu criar os seres humanos à Sua imagem (Gen. 1:26, 27), Ele tomou uma porção de terra que Ele havia criado e transformou-a na forma que Ele desejava. Mas a forma ainda tinha falta de vida. Então Deus «soprou nos seus narizes o sopro da vida; e o homem tornou-se uma alma vivente» (cap. 2:7).

Ao soprar o sopro de vida nas narinas de Adão, Deus deu à raça humana a centelha de vida, ou o princípio de vida. É isto que torna os seres humanos em indivíduos conscientes e inteligentes. O pó da terra, quando combinado com o sopro de vida torna-se uma alma vivente. Sem esta combinação não há vida ou existência, tal como não havia vida na forma que veio a tornar-se Adão até que Deus soprasse nela o sopro de vida.

A fim de a «alma» poder existir, tem de ser composta de corpo (pó) e espírito (sopro de vida). Somente quando existe esta combinação é que há uma «alma vivente». Isto pode ser mais prontamente compreendido se em vez de *alma* usarmos o termo *ser*, como aparece na Versão Revista Americana de Génesis 2:7, que diz: «e o homem tornou-se um ser vivo».

Que espécie de seres vivos se tornaram os seres humanos? Os animais partilham com os humanos os ingredientes na receita da vida — o pó da terra e o sopro de vida (cap. 7:21, 22; ver a margem também). Mas os humanos são, por si mesmos, uma classe porque só eles foram criados à imagem de Deus. Foi-lhes dada uma espécie de inteligência especial, inteligência essa que os animais não têm. Os seres humanos reflectem física, mental e espiritualmente a imagem de Deus. Possuem uma individualidade que tem poder para pensar, agir, e corresponder ao amor de Deus como nenhum outro animal pode fazer.

A natureza humana é santa. Embora tenhamos sido criados seres livres, cada um de nós é uma unidade indivisível de corpo, mente e alma, dependente de Deus para a vida, respiração e tudo o mais. Mas Deus deu aos seres perfeitos que Ele criou a maior de todas as dádivas — o poder de escolha. Sem oportunidade para fazer escolhas, os humanos nunca poderiam desenvolver o carácter moral ou servir a Deus por amor. Ao dar aos seres criados esta dádiva, Deus correu o risco de que eles usassem mal este poder e acarretassem sobre si mesmos os resultados do pecado.

Quando os nossos primeiros pais desobedeceram a Deus, negaram a sua dependência d'Ele. Ao fazerem assim, perderam a capacidade, a eles conferida por Deus, de viverem física, mental e espiritualmente como Ele pretendia que vivessem. Devido ao pecado as leis da hereditariedade, destinadas originalmente a serem uma benção à raça humana, tornaram-se um mecanismo pelo qual as tendências pecaminosas passam duma geração para outra.

A imagem de Deus segundo a qual os humanos foram criados tem sido manchada pelo pecado. Todos nós partilhamos duma natureza caída, pecaminosa e suas conseqüências degenerativas. Na nossa própria força é-nos impossível negar os reclamos da nossa natureza caída. Nascidos numa família humana pecaminosa, possuímos tendências herdadas para o pecado.

Os nossos corações são «enganosos acima de todas as coisas, e desesperadamente maus» (Jer. 17:9). Sobre tudo isso há a acrescentar o facto de que todos nós temos pecado por nós mesmos. «Não há um justo, nem um sequer» (Rom. 3:10). «Porque todos pecaram, e destituídos estão da glória de Deus» (vers. 23). Além disso, Satanás toma vantagem da nossa fraqueza hereditária e das nossas tendências pecaminosas para nos enlaçar no pecado. Com tudo isto a operar contra nós, poderia parecer que não podemos evitar de seguir os caminhos do pecado.

Mas Deus em Cristo reconciliou o mundo consigo mesmo e pelo Seu Espírito restaura nos penitentes mortais a imagem do seu Criador. Ele perdoa os nossos pecados, libertando-nos da carga da culpa e da vergonha e restaura-nos, desse modo, ao Seu companheirismo (Lucas 4:18; I João 1:9; 3:1, 2). A fim de lidar com o problema das nossas naturezas pecaminosas, Ele transforma as nossas naturezas (Rom. 12:2), torna-nos novas criaturas (II Cor. 5:17), e muda a nossa maneira de proceder. Esta mudança nas nossas naturezas é tão dramática que a Bíblia a define como novo nascimento (João 1:12, 13; 3:3).

Uma das conseqüências do pecado para a humanidade foi que, como Deus havia previamente advertido (Gén. 3:3), a morte entrou no mundo — os seres humanos tornaram-se mortais, sujeitos à morte. Romanos 6:23 indica que «o salário do pecado é a morte» mas apressa-se a acrescentar que «o dom de Deus é a vida eterna por intermédio de

Jesus Cristo nosso Senhor».

Devido ao pecado, todos os que nascem neste mundo, estão sujeitos à primeira morte, mas esta morte não é, afinal, «o salário do pecado». O verdadeiro salário do pecado é a segunda morte que resulta em esquecimento eterno. É o oposto da vida eterna. Mas somente aqueles que escolhem continuar a viver vidas pecaminosas têm de sofrer a segunda, ou eterna, morte. Deus proveu um plano — o plano da salvação — pelo qual os seres mortais e pecaminosos podem escapar do «salário do pecado».

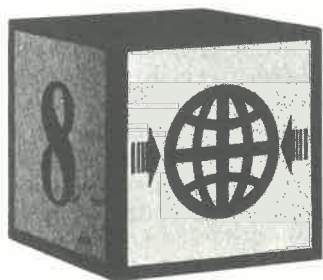
Quando aceitamos a Cristo como nosso Salvador, aceitamos a vida que era Sua porque Ele tomou a morte que era nossa. Conseqüentemente, aqueles que aceitaram a Cristo podem morrer, mas após isso vem a ressurreição, quando lhes será da-

da imortalidade (1 Cor. 15:51-57; Apoc. 21:4).

A queda em pecado de Adão e Eva também afectou a sua liberdade de escolha e a dos seus descendentes. Em Romanos 6:12 Paulo fala do pecado reinando nos nossos corpos mortais. Somos por natureza servos, ou escravos, do pecado (vers. 17). Estamos sob o domínio do pecado e da morte. Não temos qualquer escolha ou poder para lhes resistir. Mas quando Cristo toma posse das nossas vidas, Ele liberta-nos do domínio do pecado e da morte e dá-nos de novo poder para escolhermos ser livres do reino do pecado. No seu lugar temos a promessa de vida eterna (vers. 7-23).

Para estudo adicional:

Ver Gén. 3; Salmos 8:4-8; 51:5; Ecl. 12:14; Ezeq. 18; Rom. 5:12-17; 7; 1 Cor. 15:22; 2 Cor. 5:19, 20; Efés. 2:2-5.



## O Grande Conflito

Durante milhares de anos os filósofos e outros pensadores têm tentado dar uma explicação satisfatória para a complexa mistura do bem e do mal que prevalece no mundo. Porque existem botões de rosa lado a lado com espinhos? Porque há animais que matam e comem outros e uns aos outros? Porque há pessoas em certas partes do mundo que têm abundância de comida enquanto noutras partes há pessoas morrendo de fome? Porque morre uma criança inocente num acidente de automóvel enquanto que o culpado condutor embriagado escapa ileso? Porque pessoas ricas se tornam cruéis enquanto que pessoas humildes muitas vezes se atolam cada vez mais na pobreza?

Os filósofos têm dado uma variedade de respostas. Os ateus, que sustentam que o mundo e todas as formas de vida começaram por acaso, sugerem que o bem e o mal se encontram numa espécie de «competição de sobrevivência do melhor preparado»; e que eventualmente apenas um sobreviverá. Outros têm sugerido que, pelo menos, dois deuses governam o mundo; um é bom, o outro é mau. Ainda outros têm sugerido que Deus é poderoso mas não suficientemente poderoso para desarraigar o mal, e que, por conseguinte, o bem e o mal estão numa espécie de xequé, isto é, incidente no jogo de xadrez.

A verdadeira explicação, contudo, encontra-se na palavra de Deus.

De acordo com as Sagradas Escrituras, há muitos milhares de anos atrás, antes deste mundo ter sido criado, o mal teve origem misteriosa no coração de Lúcifer, o mais exaltado dos anjos celestiais. A falta não foi de Deus, pois Lúcifer foi criado perfeito (Ezeq. 28:15). Mas aparentemente Lúcifer não estava satisfeito com a sua posição. Ele sentiu que lhe devia ser tributada honra igual à de Deus, particularmente o Filho (Isa. 14:12-14). Ele permitiu que pensamentos de inveja e ciúme o dominassem.

Ele devia ter afastado estes pensamentos. Devia ter reconhecido que como ser criado não tinha qualquer direito à honra devida à divindade. Mas assim não aconteceu. Em vez disso acariciou os seus maus pensamentos e confiou-os aos seus companheiros angélicos. Obviamente ele declarou claramente: «Estou ciumento de Cristo». Muito provavelmente semeou sementes de insatisfação e desafecto. «Não pensais vós que as estruturas do céu são demasiado estritas? Porque precisa o governo de Deus de leis? Não percebo a razão por que seres santos necessitam de leis. Não penso que Deus nos ame como Ele afirma; Ele obtém satisfação em decretar ordens. Ele é injusto e falso.»

Esta espécie de sugestão e insinuação continuou até que um terço dos anjos se colocou decididamente ao lado de Lúcifer. Desviados pela sua cantilena, eles pensaram que ele poderia estabelecer um governo superior ao de Deus.

Com infinita paciência Deus esforçou-Se por explicar as Suas acções e persuadir Lúcifer e os seus simpatizantes a abandonar a carreira desastrosa que estavam prosseguindo. Ele esforçou-Se por tornar claro que as leis celestiais estão fundadas em amor e são essenciais à felicidade. Mas Lúcifer e os seus companheiros rebeldes foram intransigentes; eles recusaram aceitar as explicações de Deus ou aceder às Suas súplicas.

As Escrituras dizem-nos que a crise continuou até que «houve guerra no céu» (Apoc. 12:7-9). Lúcifer e os seus simpatizantes lutaram contra Cristo e os amigos leais, tentando arrebatá-lo do trono de Deus. Mas foram derrotados e expulsos do céu.

### Deus deu tempo a Lúcifer

Deus não destruiu imediatamente Lúcifer e os seus seguidores, mas deu-lhes tempo e oportunidade para mostrarem-se as suas acusações contra o Seu carácter e lei eram justas. Deus colocara Adão e Eva na terra, o primeiro par humano, no jardim do Éden, e estabelecera um teste de carácter de maneira a poderem demonstrar-lhe a sua lealdade. O teste era simples: Deus colocara à parte uma árvore no jardim e disse a Adão e Eva para não comerem dela (Gén. 2:16-17); a desobediência traria morte. Lúcifer (agora renomeado Satanás) viu nisto uma oportunidade para tentar o santo par a comer o fruto e assim se juntarem a ele na rebelião.

Trágica e incrivelmente, Adão e Eva renderam-se à tentação de Satanás. Misericordiosamente Deus poupou as suas vidas de modo a terem oportunidade de se arrependerem, mas a penalidade para a transgressão da lei de Deus tinha de ser enfrentada. Deste modo Deus ofereceu o Seu próprio Fi-

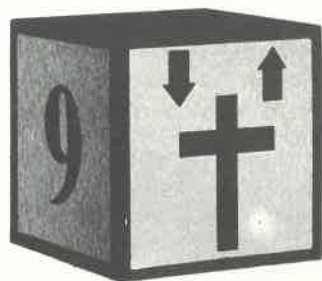
lho para vir a esta Terra e morrer como substituto divino, tomando o lugar dos pecadores. Ele também prometeu um conflito contínuo entre o bem e o mal (cap. 3:15).

Com o passar do tempo, os efeitos do pecado tornaram-se cada vez mais evidentes não somente sobre a raça humana mas também sobre toda a natureza. E os princípios advogados por Satanás, a princípio dificilmente discernidos como perigosos, produziram uma colheita de maus frutos. Há dezanove séculos atrás quando Satanás inspirou seres humanos a matarem Jesus, todos os seres doutros mundos viram claramente que Deus era justo e Satanás injusto. Todos os habitantes do céu e algures viram que Deus é amor e que a Sua lei é justa e necessária. Mas para dar aos habitantes do nosso mundo ampla oportunidade para compreenderem as implicações no grande conflito e escolherem o lado que desejassem tomar, Deus permitiu que o drama do pecado continuasse por mais alguns séculos.

Hoje o conflito está-se aproximando do seu final. Com grande urgência o Espírito Santo e os anjos estão procurando ajudar as pessoas a escolherem o lado de Deus e a buscarem a lealdade a Deus, justiça, e verdade acima da própria vida. As Escrituras tornam claro que o desfecho final será a vitória completa de Deus e a vindicação do Seu carácter e da Sua lei. Mas até esse dia — o dia em que Deus destruirá Satanás e os seus seguidores e purificará o mundo pelo fogo — o bem e o mal continuarão lado a lado, como um poderoso testemunho da continuação da guerra mortífera que as forças sobrenaturais há muito iniciaram no céu.

Para estudo adicional

Ver Gén. 6-8; Rom. 1:18-32; 5:12-21; 8:19-22; 1 Cor. 4:9; Heb. 1:4-14; 2 Pedro 3:6.



# A Vida, Morte e Ressurreição de Cristo

Deus não foi surpreendido com a entrada do pecado no Universo. Antes mesmo de ter surgido o pecado, Ele o tinha previsto e feito provisão para o enfrentar. Cristo é «o Cordeiro morto desde a fundação do mundo» (Apoc. 13:8). A fim de contrariar o mistério do mal Deus haveria de contrapor o mistério da cruz. O próprio Deus haveria de responder ao problema do pecado ao enviar o Seu Filho para ser Emanuel, Deus conosco (Mat. 1:23).

Embora inteiramente humano, Jesus viveu uma vida de perfeita obediência à vontade divina. «Deleitome em fazer a Tua vontade, ó Deus Meu; sim, a Tua lei está dentro do Meu coração» haviam as Escrituras predito acerca d'Ele (Sal. 40:8). Ele foi assaltado pelo tentador, sofrendo até à morte, e foi provado «em tudo... como nós,» mas foi vitorioso em cada prova (Heb. 2:18; 4:15). «Quem de vós Me convence de pecado?» Desafiou Ele os Seus acusa-

dores (João 8:46, R.S.V.). Pela Sua vida de submissão e perfeita obediência à vontade divina, Cristo desarmou os ataques de Satanás contra a lei. Ele cumpriu a lei (Mat. 5:17-19), demonstrando por preceito e exemplo a riqueza e a profundidade do padrão divino. Assim, pela Sua vida entre nós como homem Cristo mostrou a verdadeira humanidade — humanidade obediente a Deus.

Todavia para solucionar o problema do pecado não era suficiente que Jesus vivesse uma vida perfeita. Sob as provisões do concerto eterno (Heb. 13:20), Ele devia ser «o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo» (João 1:29). Uma vez que «o salário do pecado é a morte», requerido pelos reclamos da lei violada, o plano de Deus para nos salvar apontava inevitavelmente para a cruz. «Cristo morreu pelos nossos pecados» (1 Cor. 15:3). «Aquele que não conheceu pecado, o fez pecado por nós, para que n'Ele fôssemos feitos justiça de Deus» (2 Cor. 5:21). Ele tomou sobre Si mesmo os nossos pecados morrendo a morte que era nossa, de modo a podermos receber a justiça que era Sua e viver a Sua vida. «Ele foi ferido pelas nossas transgressões, e moído pelas nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre Ele, e pelas Suas pisaduras fomos sarados» (Isa. 53:5). À luz da cruz vemos a enormidade do pecado e ficamos boquiabertos perante a medida do amor de Deus para conosco. Exclamaremos com Paulo: «Mas longe esteja de mim gloriar-me, a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo» (Gál. 6:14).

E a sepultura não O podia reter! Crucificado numa Sexta-feira de manhã, morto e sepultado à tarde, quebrou as algemas da morte no Domingo de manhã. Ele ressurgiu como vencedor sobre a morte assim como sobre o pecado. Ao entrar no reino da morte, Ele destruiu «aquele que tinha o poder da morte, isto é, o diabo» (Heb. 2:14) e tornou-Se «o primogénito dos mortos» (Apoc. 1:5), Aquele que «tem as chaves do inferno e da morte» (Apoc. 1:18). A Sua vitória sobre a morte assegura-nos a nossa vitória sobre a morte. Ele promete-nos «Porque Eu vivo, vós vivereis também» (João 14:19). A Sua vitória garante igualmente o desfecho do gran-

de conflito entre o bem e o mal. Embora ainda aguardemos a consumação de todas as coisas, Satanás é um inimigo derrotado, a sua destruição final é certa.

Deste modo, por intermédio da vida, morte, e ressurreição de Jesus Cristo, Deus cumpriu o Seu plano para salvar a humanidade perdida. Quando Deus perdoa, Ele não afasta levemente o pecado; é devido à cruz «que Ele pode ser justo, e justificador de todo aquele que crê em Jesus» (Rom. 3:21-26). Em Cristo Deus revelou o Seu ódio pelo pecado, mas por outro lado tornou possível um meio de escape para o pecador. Ao mesmo tempo exaltou a Sua lei, violada pelo homem e atacada por Satanás e da morte obteve vida.

A entrada do pecado num Universo perfeito trouxe dor, tristeza, e morte. Todavia a maravilhosa sabedoria de Deus, os Seus infinitos recursos manifestados no plano da salvação, provaram-se mais do que suficientes para enfrentar a terrível emergência. «Onde abundou o pecado, superabundou a graça; para que, assim como o pecado, reinou na morte, também a graça reinasse pela justiça para a vida eterna, por Jesus Cristo nosso Senhor» (Rom. 5:20, 21).

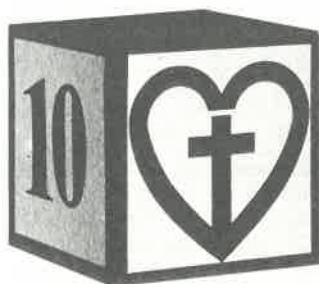
Devido à vida, morte e ressurreição de Jesus compreendemos mais do carácter de Deus do que jamais teria sido possível, e todo o Universo caído é atraído para mais perto d'Ele maravilhado pela Sua compaixão pelos pecadores.

Cristo é Senhor! Rei da vida, Vencedor da morte, Vitorioso sobre o pecado e Satanás, «Deus O exaltou soberanamente, e Lhe deu um nome que é sobre todo o nome; para que ao nome de Jesus se dobre todo o joelho dos que estão nos céus, e na terra, e debaixo da terra, e toda a língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para glória de Deus Pai» (Fil. 2:9-11). Esta é a razão pela qual os remidos de todos os tempos cantarão ao redor do trono de Deus: «Digno é o Cordeiro que foi morto!» (Apoc. 5:12).

**Para estudo adicional:**

Ver João 3:16; Rom. 1:4; 4:25; 8:3, 4; 2 Cor. 5:14, 15; Col. 2:15; 1 João 2:2; 4:10.





# A Experiência da Salvação

Embora Deus tenha feito ampla provisão para a nossa salvação, Ele não no-la impõe. A Sua natureza é amor, e Ele anseia que os seres humanos correspondam amorosamente ao Seu plano da redenção. Ele fez a Sua parte — «Deus estava em Cristo, reconciliando consigo o mundo, não lhes imputando os seus pecados» — mas nós devemos aceitar a Sua provisão. «Rogamos-vos, pois, da parte de Cristo, que vos reconcilieis com Deus» (2 Cor. 5:19, 20).

Nós aceitamos pela fé a dádiva de Deus da salvação. «A fé é o firme fundamento das coisas que se esperam, e a prova das coisas que se não vêem» (Heb. 11:1)

Fé é confiar em Deus, crendo na Sua palavra. É volver-nos da nossa auto-suficiência para a Sua suficiência em Jesus Cristo.

Contudo, a própria fé vem de Deus. Os nossos desejos estão corrompidos pelo mal, inclinados para o caminho do mal. Mas o Espírito Santo convence-nos do pecado e reorienta o nosso pensamento. (João 16:8-11). Ele desperta em nós um desejo por Deus e a Sua justiça e fortalece a nossa vontade para escolher o bem. Ele impressiona-nos, especialmente, através da Palavra de Deus (Rom. 10:17). Deste modo, em vez de nos rebelarmos contra Deus ou fugirmos d'Ele, volvemo-nos para Ele para aceitar a Sua dádiva da salvação. A salvação é, por conseguinte, inteiramente de Deus: «Porque pela graça sois salvos, por meio da fé, e isto não vem de vós, é dom de Deus» (Efés. 2:8). A nossa parte consiste em colocar a nossa vontade no lado de Deus, e estarmos dispostos a nos dispormos, em permitir ao Espírito Santo de nos levar de volta a Deus. Apesar de Deus ter oferecido a Sua inestimável dádiva Ele honra a nossa liberdade de escolha.

Ao nos volvermos, pela fé da nossa justiça própria e aceitarmos a justiça de Deus em Cristo, temos uma nova posição perante Ele. Estamos agora justificados, absolvidos da sentença de culpa e da morte que merecíamos devido a sermos transgressores da lei de Deus (Rom. 3:19-26). Este novo estado é comumente chamado «justificação pela fé». Estamos perdoados (I João 1:9), reconciliados com Deus (2 Cor. 5:17-21), redimidos da escravidão do pecado (1 Ped. 1:18, 19), adoptados como filhos e filhas do Deus vivo (Rom. 8:14-17), e colocados à parte para o Seu serviço no meio dum mundo em rebelião (Fil. 2:15).

Não mais vivemos sob o domínio do pecado. «Mas graças a Deus que, tendo sido servos do pecado, obedecestes de coração à forma de doutrina a que fostes entregues. E, libertados do pecado, fostes feitos servos da justiça» (Rom. 6:17-18). O Espírito Santo, que primeiramente nos atrai para Cristo e que (se estivermos dispostos) opera em nós um novo nascimento (João 3:3-8), fortalece o nosso viver diário. Ele habita em nós, dando-nos poder para obtermos a vitória sobre a tentação, instruindo-nos nas decisões com que somos confrontados e revelando cada vez mais do amor de Deus para conosco em Cristo (Rom. 5:5; Efés. 1:13-14).

Deste modo do princípio ao fim a experiência da salvação é «pela graça... por meio da fé» (Efés. 2:8). O caminho pelo qual vimos a Cristo é o caminho pelo qual vivemos em Cristo: «Como, pois, recebestes o Senhor Jesus Cristo, assim, também, andai n'Ele» (Col. 2:6). Devemos, diariamente, dar tudo e tudo receber — rendendo-nos completamente a Deus e recebendo a Sua nova vida e justiça. Disse Jesus: «Se alguém quiser vir após Mim, renuncie-se a si mesmo, tome sobre si a sua cruz, e siga-Me» (Mat. 16:24). Habitamos em Cristo quando nos unimos a Ele numa relação que se fortalece e aprofunda diariamente. «Estai em Mim, e Eu em vós, como a vara de si mesma não pode dar fruto, se não estiver na videira, assim também vós, se não estiverdes em Mim. Eu sou a videira, vós as varas» (João 15:4-5).

Unidos com Cristo, somos transformados à semelhança divina (2 Cor. 3:18). A imagem de Deus, deformada e quase obliterada pela Queda, está sendo progressivamente restaurada (Col. 3:10). Não mais desafiemos a Sua lei, nem busquemos esquivar-nos aos seus requisitos. Ela está agora escrita dentro de nós (Heb. 8:10-11). Sabemos que enquanto escolhermos habitar n'Ele, Ele segura-nos com uma mão que jamais nos abandonará: «Ninguém pode arrebatá-los da mão do (Seu) Pai» (João 10:29).

A salvação de Deus em Jesus Cristo dá-nos força para hoje e esperança para amanhã.

**Desde o princípio ao fim a experiência da salvação é «pela graça... por meio da fé»:**

A nossa vida está agora cheia de significado e sentido: pertencemos a Deus. E enfrentamos o futu-

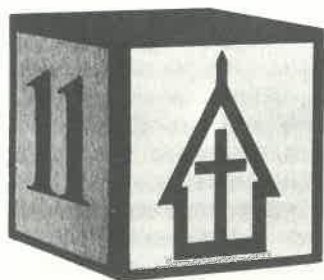
ro com confiança, sabendo que enquanto permanecermos n'Ele não necessitamos de temer mal algum. Sabemos que no juízo teremos um Advogado, Alguém que pleiteia em nosso favor, o próprio «Jesus Cristo, o justo» (I João 2:1). Por isso aguardamos o dia do Seu retorno com ansiosa expectativa.

Ó profundeza do amor e sabedoria de Deus em prover todas as nossas necessidades, agora e eter-

namente! «Que diremos, pois, a estas coisas? Se Deus é por nós quem será contra nós?» (Rom. 8:31).

Para estudo adicional:

Ver Sal. 27:1; Isa. 12:2; Jonas 2:9; Mat. 18:3; João 3:16; Rom. 4:25; 5:6-10; 8:1-4; 1 Cor. 2:5; 15:3, 4; Gál. 1:4; 2:19, 20; 3:13; 4:4-7; Efés. 2:5-10; 3:16-19; 1 Ped. 1:23; 2:21.



## A Igreja

Embora devamos aceitar pessoalmente a salvação de Deus em Cristo, quando nos tornamos cristãos não mais permanecemos ou actuamos sozinhos. Como membros do Seu corpo, a igreja (Efés. 1:23), temos agora uma identidade tanto corporativa como individual. Assim como outrora estávamos «em Adão», condenados à morte, agora estamos «em Cristo», partilhando a Sua vida (I Cor. 15:22).

Deus sempre tem sob o Seu cuidado o Seu povo a quem chamou dum mundo em rebelião. Antigamente os filhos de Israel constituíam a comunidade por intermédio de quem a Sua graça era manifestada (Actos 7:38). Nos tempos do Novo Testamento a igreja serve este propósito. A igreja é uma comunidade, uma família, e um companheirismo. A sua cabeça é Cristo e os seus membros são os homens e mulheres que O aceitaram como seu Salvador e Senhor. «E todos os dias acrescentava o Senhor, à Igreja, aqueles que se haviam de salvar» (Actos 2:47). «Assim que, já não sois estrangeiros, nem forasteiros, mas concidadãos dos santos e da família de Deus; edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, de que Jesus Cristo é a principal pedra de esquina» (Efés. 2:19-20).

Embora o facto duma pessoa ser membro da igreja seja importante e inseparável da nossa confissão de Cristo como Salvador e Senhor, isso em si mesmo não nos assegura que pertençamos a Deus. Ele perscruta os intentos do coração e conhece aqueles que são verdadeiramente Seus e que não professam meramente o Seu nome. Os crentes verdadeiros são parte de «toda a família nos céus e na terra» (Efés. 3:15) — a igreja universal, que é tanto invisível como visível (Heb. 12:18-24).

A igreja de Deus tem muitas funções. É, primeiro que tudo, uma comunidade de adoração.

Curva-se para reconhecer o Senhor do céu e da terra, o nosso Criador, nosso Sustenedor, nossa Salvação. Reune-se para se alimentar da Palavra de Deus, partilhando uns com os outros, buscando edificar uns aos outros «no amor e nas boas obras» (Heb. 10:23-25). Reune-se para celebrar a Ceia do Senhor, o memorial da morte de Cristo por nós e a antecipação do Seu retorno. Existe para servir o mundo: para ir até aos confins da terra com as boas novas da salvação em Cristo, fazendo discípulos de todas as gentes (Mat. 28:18-20); e para continuar o ministério de amor, de cura e de salvação que Cristo começou.

Porque Cristo é a cabeça da igreja, o Seu corpo, é dada à igreja solene autoridade (Mat. 16:13-20; João 20:21-22). A igreja fala em nome de Cristo, anunciando a Sua vontade ao mundo, alertando a humanidade, e arrazoando com ela acerca «da justiça, e da temperança, e do juízo vindouro» (Actos 24:25). Embora a autoridade eclesiástica tenha sido abusada em séculos passados, hoje é igualmente erróneo pôr de lado todo o respeito pela autoridade da igreja. Deus deixou-nos o exemplo de pessoas como Ananias e Safira a fim de não tratarmos com a Sua igreja de modo leve (Actos 5:1-11).

Deste modo, ser membro da igreja é tanto um elevado privilégio como uma solene responsabilidade. A igreja é o nosso lugar de pertença — um lugar para cantar louvores ao nosso Senhor, sermos admoestados pela Sua Palavra, renovar o nosso senso de identidade pelo companheirismo com o Seu povo, reunir-nos à volta da Sua mesa, e sair para partilhar as Suas boas novas a um mundo moribundo. A igreja é um banquete; o mundo está esfomeado.

Porque é precioso ser membro da igreja do



Deus vivo, tal não deve ser tratado de modo casual. A igreja não é um clube ao qual nos unimos apenas para companheirismo; ela é o corpo de Cristo. Ser membro da igreja reclama alegre e activo apoio e participação. Somos advertidos contra tratar com desprezo a salvação que uma vez aceitámos alegremente (Heb. 6:4-6; 10:26-31; 12:15-17).

A filiação na igreja transmite-nos a alegria do companheirismo e do serviço agora e a esperança dum futuro glorioso. «Cristo também amou a igreja, e a Si mesmo Se entregou por ela, para a santificar, purificando-a com a lavagem da água, pela palavra, para a apresentar a Si mesmo igreja gloriosa,

sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, mas santa e irrepreensível» (Efés. 5:25-27). A igreja é a noiva de Cristo, preciosa à Sua vista, a Sua fortaleza num mundo rebelde, o objecto do Seu supremo cuidado. Ele está pacientemente aperfeiçoando a Sua obra na igreja na terra porque Ele tem um destino eterno para ela — os membros da Sua igreja devem viver com Ele para sempre.

Para estudo adicional:

Ver Gén. 12:3; Mat. 16:13-20; 21:43; João 20:21, 22; Actos 1:8; Rom. 8:15-17; I Cor. 12:13-27; Efés. 1:15; 2:12-13; 3:8-11, 15; 4:11-15.



## O Remanescente e a Sua Missão

Através da história Deus tem tido um povo que Lhe tem permanecido leal. Não importa quão profunda tenha sido a apostasia, os seguidores fiéis têm proclamado o Seu nome e vivido pela fé na Sua salvação. Por vezes o número de verdadeiros crentes tem sido reduzido a uma pequena minoria, um remanescente, como no tempo do Dilúvio (Gén. 7:7) ou nos dias do ministério de Elias (1 Reis 19:18).

Nestes dias que imediatamente precedem a segunda vinda de Cristo, Deus chama de novo um povo remanescente. A desobediência à lei de Deus é predominante; a maioria escarnece da vontade de Deus e trata com desprezo o Seu oferecimento de salvação; «os homens maus e caluniadores irão de mal para pior» (2 Tim. 3:13). Em tal tempo como este o povo remanescente de Deus é chamado para ser «imaculado e inocente, filhos de Deus sem mácula no meio duma geração corrupta e perversa, no meio da qual resplandeceis como luzes no mundo» (Fil. 2:15, R.S.V.). No meio dum mundo em rebelião, eles guardam os mandamentos de Deus; numa época de descrença, eles possuem a fé de Jesus (Apoc. 14:12). Ao se apressarem os acontecimentos da terra para o seu grande final, o contraste entre o remanescente e os descrentes tornar-se-á cada vez mais notório.

O povo remanescente tem sido chamado por Deus para dar uma mensagem final assim como para Lhe demonstrar lealdade. Porque Deus sempre adverte a humanidade antes de trazer sobre ela a destruição, Ele comissiona o remanescente a anun-

ciar ao mundo o fim iminente de todas as coisas. A missão do remanescente é descrita pelos três anjos de Apocalipse 14:6-12. A sua tarefa é de âmbito mundial, abrangendo «toda a nação e tribo e língua e povo». A sua mensagem chama a atenção para a chegada da hora do juízo de Deus — Deus está intervindo no curso da história humana para trazer a um fim o grande conflito entre o bem e o mal. É um chamado à separação de todos os sistemas de erro, prestando somente a Deus verdadeiro culto.

No coração da mensagem do remanescente, contudo, encontra-se «o evangelho eterno». Deus sempre tem tido apenas um caminho de salvação para homens e mulheres — pela fé na Sua dádiva provida por intermédio de Cristo. O povo remanescente deve elevar bem alto a cruz de Cristo para que todos possam olhar para ela e viver (João 3:14-18). É o enquadramento especial da mensagem do remanescente — a generalizada apostasia da lei de Deus, a chegada do juízo, e o fim iminente — que dá a esta proclamação do evangelho eterno o seu impulso e poder únicos.

O povo remanescente funciona como um movimento de reunião profético. Deus tem crentes verdadeiros espalhados por todo o mundo, membros de muitas denominações e religiões. Sob a pressão dos acontecimentos dos últimos dias, contudo, ao emergirem ou aparecerem mais claramente os resultados do conflito entre Cristo e Satanás e a linha entre os seguidores de ambos os lados se tornar mais evidente, o remanescente tornar-se-á o núcleo à volta do qual se reúne o genuíno povo de Deus

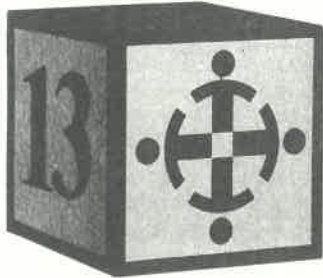
em todas as terras (Apoc. 18:1-4). Deste modo, na ocasião da Segunda Vinda o mundo estará claramente dividido em dois campos.

Cada crente nestes últimos dias é chamado a ser parte do povo remanescente de Deus — chamado para os privilégios e responsabilidades que pertencem à igreja final de Deus na terra. Primeiro que tudo, o remanescente deve elevar Cristo e a Sua obra salvadora, demonstrando por uma fé viva que

Lhe pertence, na verdade. O remanescente deve apresentar perante o mundo os reclamos da lei de Deus, tantas vezes desprezados na sociedade moderna; testemunhar por palavra e acção, do fim iminente da história humana — advertindo a todos, convidando a todos, apelando a todos.

Para estudo adicional:

Ver Mat. 24:14; 28:18-20; Mar. 16:15; 2 Cor. 5:10; Efés. 5:22-27; Apoc. 12:17; 21:1-14.



## Unidade no Corpo de Cristo

O maestro levanta a sua batuta, a audiência acomoda-se com antecipação, depois vem o estretecimento perante a cacofonia do som que se segue. Espantada com o ruído da dissonância começa a tapar os seus ouvidos e a sair do auditório. Todavia, o maestro mostra-se contente com o Concerto. Sorri com prazer perante os sons horríveis. Aqui e ali um membro do coral tenta reunir outros membros junto de si para cantarem a mesma canção na mesma nota. Durante algum tempo obtêm êxito, mas a cooperação é quando muito espasmódica, e o efeito do concerto no seu todo permanece imutável.

O problema reside no facto do coral estar a seguir as instruções dum falso maestro. Enquanto este maestro continuar no posto é impossível obter harmonia.

Não é necessário continuar com esta parábola para ilustrar o ponto de que em todos os lados no mundo de hoje são evidentes os frutos da liderança deste maestro. O resultado disso é o caos entre as nações, raças, irmãos e irmãs, pais e filhos, maridos e esposas. Aqueles que estão preocupados com esta situação buscam soluções humanas e durante algum tempo tais soluções parecem ser bem sucedidas, mas o concerto não mudará realmente até que Cristo, em vez de Satanás, seja escolhido para ser o maestro.

O apóstolo Paulo usa a metáfora do corpo para ilustrar a unidade. Cristo «é a cabeça, e sobre Ele assenta e depende todo o corpo. Ligados e unidos por cada junta constituinte, toda a estrutura cresce por meio da devida actividade de cada parte e edifica-se a si mesmo em amor» (Efés. 4:16, N.E.B.). A justeza desta figura de linguagem torna-se aparente ao considerarmos os nossos próprios corpos.

Imaginemos que um mecânico pega numa chave de parafusos para começar a reparar um carro. Se o dedo indicador da sua mão direita lhe dissesse de repente: «Eu não vou cooperar. Penso que deves usar uma chave de fendas em vez de uma chave de parafusos. Por isso não irei mexer em nada». A habilidade do mecânico para trabalhar seria afectada. Sem o dedo indicador ele não pode agarrar na chave de parafusos a não ser que use as duas mãos ou o substitua por outro dedo. É somente quando o dedo indicador obedece aos impulsos enviados pelo cérebro (a cabeça) que o mecânico pode realizar o seu trabalho eficazmente.

O apóstolo S. Paulo diz-nos, em I Cor. 12, que acontece o mesmo com o corpo espiritual. Se um membro decide não trabalhar de acordo com a cabeça, Cristo, a acção é prejudicada ou parada até que o membro decida cooperar. E se o autor do caos, Satanás, domina em vez de Cristo alguns membros do corpo, não há qualquer possibilidade do corpo poder trabalhar como uma unidade coesa a não ser para um fim perverso.

Ao falarem de unidade os escritores Bíblicos indicam que distinções tais como: sexo, raça, riqueza ou inteligência não impedem a habilidade do corpo em funcionar enquanto funcionar em Cristo. Com certeza que estas diferenças continuam a existir, mas a pessoa que se reveste de Cristo torna-se uma nova criatura. Cristo derriba as barreiras que dividem a humanidade (Efés. 2:14). Assim, «não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há macho nem fêmea; porque todos são um em Cristo Jesus» (Gal. 3:28, RSV). Noutras palavras, em vez das diferenças produzirem desarmonia, para mudar a metáfora acima usada, elas contribuem para a riqueza do concerto.

Exactamente antes da Sua agonia no Getsemane Jesus orou pela unidade dos discípulos, pedindo ao Pai para os fazer (e aqueles que eles convertessem) um, tal como Ele e o Pai são um (João 17:20-23). A unicidade que nos vem como Seus discípulos modernos em resposta à mesma oração habilitar-nos-á a cumprir o Seu propósito, que consiste em dizer ao mundo que o Pai enviou Cristo ao mundo, e demonstrar que a Sua vinda operou uma mudança em como agimos, vivemos e nos tratamos uns aos outros.

Como um corpo com muitos membros, a igreja é chamada de todas as nações, raças, línguas e povos. Contudo, por meio da revelação de Jesus Cristo (através do qual somos uma nova criação) nas Escrituras partilhamos a mesma fé e esperança e testemunhamos da mesma maneira a todos.

**Para estudo adicional**

Ver Sal. 133:1; João 17:20-23; Actos 17:26-27; 2 Cor. 5:16-17; Gal. 3:27-29; Efés. 2:13-22; 4:1-6; Col. 3:10-15; Tiago 2:2-9; I João 5:1.



## O Baptismo

O baptismo como os cristãos o conhecem hoje originou-se com João Baptista, que foi enviado para preparar o caminho para o Salvador.

«Apareceu João baptizando no deserto, e pregando o baptismo de arrependimento, para remissão dos pecados. E toda a província da Judeia e os de Jerusalém iam ter com ele; e todos eram baptizados por ele no rio Jordão, confessando os seus pecados» (Marcos 1:4-5).

Embora houvesse antecedentes dos tempos do Velho Testamento que João Baptista deveria conhecer — purificações e lavagens rituais, e a história de Naamã — ele ensinou que o rito envolvia mais do que mera purificação física ou ritual, envolvia purificação espiritual. Ele apelava às pessoas para revelarem, pelo seu baptismo, de que tinham reconhecido a sua pecaminosidade e se tinham arrependido. O passo que ele lhes pedia para darem era verdadeiramente ousado, e aqueles que baptizava não davam esse passo de modo superficial. O chamado de João para o baptismo indicava que era necessária uma mudança drástica para preparar as pessoas para a vinda de Jesus.

Quando Jesus desceu ao Jordão e pediu a João para O baptizar (Mat. 3:13-15), após o Seu selo de aprovação na missão de João Baptista e marcou o começo da Sua própria missão para salvar a humanidade. Embora não necessitasse de ser purificado do pecado, como as outras pessoas, Jesus demonstrou que compreendia os sentimentos de impureza e incapacidade comuns aos seres humanos. Pelo Seu baptismo identificou-Se a Si mesmo com o pecador na sua necessidade da justiça de Deus e

estabeleceu um exemplo a seguir por todos aqueles que se tornam cristãos.

O pecador arrependido identifica-se com Jesus por intermédio do rito do baptismo. Pela vida imaculada que viveu, e pela Sua morte a favor dos pecadores, Jesus tornou disponível a todos a Sua justiça e pela sua morte simbólica para o pecado, sepultamento nas águas do baptismo e ressurreição para uma nova vida em Jesus, um crente demonstra a sua aceitação dessa justiça.

Para o cristão hoje, o baptismo é uma confissão pública de fé em Deus e aceitação de Jesus como Salvador pessoal (Actos 16:30-33; Rom. 10:9). Os candidatos ao baptismo devem ser cabalmente instruídos na fé cristã e devem ter dela uma compreensão tanto teórica como prática. Por essa razão não é apropriado o baptismo de crianças. Os jovens só devem ser baptizados quando suficientemente amadurecidos para compreenderem o significado do passo que estão a dar.

A Bíblia ensina o baptismo por imersão e uma das razões para esta crença é que em Romanos e Colossenses o apóstolo Paulo compara o rito à morte, sepultamento e ressurreição de Cristo (Rom. 6:1-6; Col. 2:12-13). Este simbolismo não teria qualquer significado se a igreja apostólica o tivesse praticado de modo diferente do da imersão.

Os incidentes do Novo Testamento que apoiam o baptismo por imersão incluem o baptismo de Jesus e o do etíope por Filipe, que descrevem a entrada na água e saída da mesma (Mat. 3:16; Actos 8:38-39). A própria palavra *baptismo* deriva da palavra grega *baptisma*, que significa mergulhar ou imergir.

O baptismo segue-se à tristeza pelo pecado, à confissão e abandono do mesmo. Envolve a crença de que Cristo nos perdoou e que é uma nova vida em Cristo, através do poder do Espírito, é um melhor meio de vida.

Além de conduzir o cristão a uma relação mais rica e íntima com Deus, o baptismo coloca-o numa nova relação com a igreja de Cristo na terra, um grupo de crentes conhecidos pelo seu amor a Deus e uns aos outros. É a porta para o companheirismo na igreja, assim como a porta para o discipulado.

O baptismo é um passo que não deve ser dado de modo superficial ou de ânimo leve. É um passo que indica uma mudança drástica na direcção da vida duma pessoa. Assim como o baptismo pela água nos dias de João Baptista preparou as pessoas para a vinda de Jesus, o baptismo pela água e pelo Espírito hoje, ajuda a preparar os amados de Jesus para a Sua segunda vinda.

Para estudo adicional:

Ver Actos 22:16; 2:38; Mat. 28:19-20; Gál. 3:27; 1 Cor. 12:13; 1 Ped. 3:21.



## A Ceia do Senhor

Semelhante à maneira em que nos tempos do Velho Testamento os serviços e os sacrifícios do santuário apontavam para a futura vinda do Messias, o Seu ministério e a Sua morte, a Ceia do Senhor comemora a morte de Jesus e foca a atenção do crente na Sua prometida segunda vinda. Esta ordenança significa mais do que simplesmente simbolizar completo perdão de qualquer pecado que uma pessoa tenha cometido no passado; é um serviço que envolve a confissão de faltas a Deus e uns aos outros, e pedindo a ajuda de Deus para mudar, vencer e tornar-se mais semelhante a Cristo. É um serviço rico de simbolismo, que através dos séculos tem sido um inestimável veículo em transmitir verdades espirituais essenciais.

Enquanto que algumas igrejas têm interpretado literalmente as declarações de Jesus «Este é o meu corpo» e «Este é o meu sangue», nós Adventistas interpretamo-los figurativamente, como o fazemos com outras declarações de Jesus, tais como: «Eu sou a porta» (João 10:7). O pão e o vinho não fermentado são considerados símbolos do corpo quebrado de Cristo e do Seu sangue derramado. A participação neles é uma expressão de fé n'Ele como o Salvador dos pecados e o de fazer da Sua vida uma com a nossa.

Sempre, desde o final da década de 1840, nós, Adventistas do Sétimo Dia temos observado a Ceia do Senhor quatro vezes por ano, no final ou princípio de cada trimestre de 13 semanas. O serviço típico é como se segue:

Após um curto sermão pelo pastor, os homens e as mulheres separam-se para secções diferentes da igreja para a cerimónia do lava-pés. Isto, nós cremos, simboliza purificação do pecado (Ver João

13:1-17). Embora não haja mérito particular no acto do lava-pés em si mesmo, ele torna-se significativo para os participantes que antes ou durante o mesmo corrigem as suas diferenças e confessam as suas faltas uns aos outros. Simboliza a lavagem ou purificação dos pecados cometidos durante a caminhada cristã.

O lava-pés também simboliza uma renovada consagração para servir o Mestre. Uma pessoa deve pôr de lado o orgulho a fim de se baixar e lavar os pés dum seu irmão da igreja, assim como ele ou ela o deve vencer a fim de servir a Jesus de todo o coração. Porque o lava-pés salienta o espírito de companheirismo cristão, é uma adequada preparação para participar na Ceia do Senhor.

Após o lava-pés, os membros voltam a reunir-se na igreja. O pastor e os anciãos dirigem-se para a mesa da comunhão, onde descobrem o pão, lêem 1 Coríntios 11:23-24 (ou outras passagens apropriadas) e pronunciam uma oração de bênção para o pão e o vinho.

Depois dos anciãos terem partido o pão não levedado, os diáconos distribuem-no à congregação.

O pastor, os anciãos e os diáconos seguem um procedimento similar com o vinho não fermentado, após ter sido lido 1 Coríntios 11:25-26. Em cada caso a congregação aguarda até que todos tenham sido servidos a fim de participarem todos juntos do emblema. Um hino — e algumas vezes uma oração e uma oferta para os pobres — completam o serviço.

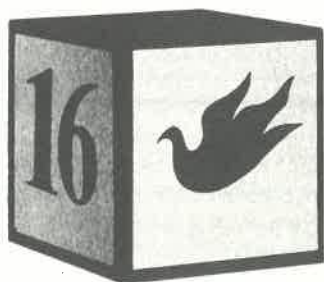
Num certo sentido a Ceia do Senhor é uma ocasião solene, uma ocasião em que os crentes são recordados que Jesus suportou a nossa culpa e morreu pelos nossos pecados (Ver Isa. 53:5). Contudo, por outro lado o serviço é de regozijo. Ele

aponta para o futuro, para o dia em que Deus fará novas todas as coisas (Ver Apoc. 21:1-5). Ela antecipa o dia em que Deus recriará os seres humanos que Ele criou (Ver 1 Cor. 15:52) para se unirem a

Jesus, seu Redentor, nas bodas do Cordeiro (Ver Apoc. 19:9).

Para estudo adicional:

Ver Mat. 26:17-30; João 6:48-63; 1 Cor. 10:16-17; Apoc. 3:20.



## Dons Espirituais e Ministérios

As circunstâncias forçam por vezes as famílias a terem de se separar por longos períodos de tempo. Muitas vezes a separação é ocasionada pela necessidade do marido e pai ter de viajar no interesse da sua profissão, passando mesmo vários meses além-mar ou além fronteiras. Se ele é uma pessoa responsável, tomará as devidas providências para que nada falte à sua família durante a sua ausência. Nos momentos finais, já no aeroporto ou outro local de partida, prestes a embarcar, é muito provável que diga à sua esposa: «Se precisarem de mais dinheiro do que o que ficou destinado, não hesites em levantá-lo da nossa conta de economias.» Ele poderá também rever brevemente algumas das outras provisões que fez para o bem-estar da família. «Pus pneus novos no carro. Enviei pelo correio dois pagamentos para a hipoteca.» «Encomendei combustível suficiente para o aquecimento da casa até que regresse».

Há dezanove séculos atrás, após ter estabelecido a Sua igreja na terra, Jesus voltou para o Céu. Os discípulos viram-n'Os ascender com corações ansiosos (Luc. 24:50; Actos 1:9). Iriam eles ser capazes de O representar adequadamente? Iriam eles ser capazes de levar avante com êxito a obra que Ele lhes designara? Teriam eles os talentos necessários para levar o evangelho a todo o mundo?

Com a mesma espécie de compaixão e consideração que havia caracterizado toda a Sua vida, Jesus tinha, certamente, antevisto as suas necessidades, e havia feito ampla provisão para as mesmas. Exactamente antes de ter ascendido disse: «Eis que sobre vós envio a promessa do Meu Pai: Ficai, porém, na cidade de Jerusalém, até que do alto sejais revestidos de poder» (Luc. 24:49). Através do Espírito Santo Jesus providenciara todo o dom e talento necessários aos discípulos para exercerem o seu ministério.

E Ele cumpriu a Sua promessa. Ao escrever sobre isto o apóstolo Paulo diz o seguinte: «Subin-

do ao alto, ... deu dons aos homens. ... Deu uns para apóstolos, e outros para profetas, e outros para evangelistas, e outros para pastores e doutores, querendo o aperfeiçoamento dos santos, para a obra do ministério, para a edificação do corpo de Cristo» (Efés. 4:8-12).

Na sua carta à igreja de Corinto, Paulo discutiu um pouco mais o assunto. «Acerca dos dons espirituais», disse ele, «não quero, irmãos, que sejais ignorantes. ... Há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo. ... A manifestação do Espírito é dada a cada um, para o que for útil. Porque a um, pelo Espírito, é dada a palavra da sabedoria; e a outro, pelo Espírito, a palavra da ciência; e a outro, pelo Espírito, os dons de curar; e a outro, a variedade de línguas; e a outro, a interpretação de línguas. Mas um só e o mesmo Espírito opera todas as coisas, repartindo particularmente, a cada um, como quer» (1 Cor. 12:1-11).

Há dois factos que são dignos de nota: 1. O Espírito decide que dons conceder. Ele toma esta responsabilidade porque somente Ele conhece quais os dons que são necessários à igreja; somente Ele sabe que dons cada cristão utilizará. 2. As pessoas não recebem todas o mesmo dom, nem estão todos os dons à disposição de todas as pessoas. Assim, por exemplo, ninguém tem o direito de insistir que o Espírito lhe dê o dom de profecia, o dom de curar ou o dom de línguas. O cristão, depõe sobre o altar os seus dons naturais e pede a Deus que lhe dê os dons específicos do Espírito conforme Ele achar melhor (Rom. 12:4-8; 1 Pedro 4:10 e 11).

Durante quanto tempo permanecerão os dons na igreja? O Novo Testamento ensina que eles permanecerão até à volta de Jesus. Escrevendo à igreja de Éfeso, o apóstolo Paulo disse que os dons são «para o aperfeiçoamento dos santos, para a obra do ministério, para a edificação do corpo de Cristo; até que cheguemos todos à unidade da fé, e ao conhecimento do Filho de Deus, a varão perfeito, à medi-

da da estatura completa de Cristo» (Efés. 4:12 e 13).

Em veia similar escreveu ele à igreja de Corinto: «Sempre dou graças ao meu Deus por vós, pela graça de Deus que vos foi dada em Jesus Cristo. Porque em tudo fostes enriquecidos n'Ele, em toda a palavra e em todo o conhecimento. Como foi mesmo o testemunho de Cristo confirmado entre vós. De maneira que nenhum dom vos falta, esperando a manifestação de nosso Senhor Jesus Cristo» (1 Cor. 1:4-7).

Assim, por intermédio dos dons espirituais, Deus fez plena provisão para a Sua igreja — a Sua família na terra — para a manter e levar avante com êxito o seu ministério físico, intelectual e espiritual até ao dia em que a família de Deus na terra seja unida à do Céu.

Para estudo adicional:

Ver Mat. 25:31-36; 1 Cor. 12:27 e 28; 2 Cor. 5:14-21; Actos 6:1-7; 1 Tim. 2:1-3; Col. 2:19.



## O Dom de Profecia

No princípio, antes do pecado ter entrado no mundo, Deus falava face a face com Adão e Eva (Gén. 1:26-31), concedendo sabedoria e comunicando a Sua vontade. Mas depois de ter entrado o pecado, não mais foi possível a comunicação aberta. Adão e Eva teriam sido destruídos pela santa presença de Deus. Mas Deus continuou a comunicar-Se duma maneira geral com a família humana. Os meios utilizados foram: a natureza, as relações interpessoais, as providências e o Seu Espírito.

Comunicação mais directa e específica era necessária, contudo, especialmente para ampliar a compreensão da humanidade quanto ao carácter de Deus e o plano da salvação. Deste modo Deus escolheu pessoas consagradas sobre cujas mentes o Espírito Santo podia operar dum modo especial, a fim de receberem a verdade e a transmitirem a outros. Tanto nos tempos do Velho como do Novo Testamento o dom de profecia foi concedido tanto a homens como a mulheres. Entre as mulheres que receberam o dom profético contam-se Miriã, Débora, Hulda, Ana e as quatro filhas de Filipe (Êxo. 15:20; Juízes 4:4; 2 Reis 22:14; Lucas 2:36; Actos 21:8-9).

As Escrituras dizem: «Os homens santos de Deus falaram, inspirados pelo Espírito Santo» (2 Ped. 1:21). Por vezes estes «homens santos», ou profetas, como eram usualmente chamados, transmitiam oralmente as mensagens de Deus. Outras vezes as mensagens eram escritas, fortalecendo assim o seu impacto e dando-lhes circulação mais ampla.

Por intermédio da providência divina estas mensagens escritas foram preservadas na forma das Sagradas Escrituras, e através dos séculos elas têm si-

do utilizadas por Deus para falar aos corações humanos e levá-los a seguir a Sua vontade. Ao estudarem as Escrituras, homens e mulheres têm reconhecido as suas credenciais divinas e aceito o seu testemunho. E o mesmo Espírito que inspirou os profetas Bíblicos enquanto escreviam tem tocado os corações dos leitores para os convencer do pecado e transformar as suas vidas.

O apóstolo Paulo escreveu ao seu jovem amigo na fé, Timóteo, acerca do papel das Escrituras: «E que, desde a tua meninice, sabes as sagradas letras, que podem fazer-te sábio para a salvação, pela fé que há em Cristo Jesus. Toda a Escritura, divinamente inspirada, é proveitosa para ensinar, para redarguir, para corrigir, para instruir em justiça» (2 Tim. 3:15-16). É claro deste texto que a Bíblia contém toda a instrução e conselho que as pessoas precisam a fim de as ajudar a encontrar o caminho da salvação e andar nele. A Bíblia oferece uma revelação infalível da vontade de Deus.

Mas a necessidade de Deus Se comunicar com a família humana não terminou com o fecho do Cânone. Nas suas epístolas às igrejas de Corinto e Éfeso o apóstolo Paulo menciona os «profetas» como um dos mais importantes dons do Espírito. Ele os colocou quase no cimo da sua lista de dons, apenas em segundo lugar em relação aos «apóstolos» (1 Cor. 12:28; Efés. 4:11). A crença comum dalguns cristãos de que a obra dos profetas terminou com os tempos do Novo Testamento não tem fundamento Bíblico. Ao aproximar-se o fim da história humana e o grande conflito entre Cristo e Satanás se intensificar, os ataques de Satanás contra o povo de Deus tornar-se-ão mais severos (Apoc. 12:17), os seus enganos mais especiosos (Mat.

24:24), pelo que se tornam cada vez mais essenciais os dons do Espírito, incluindo o dom profético.

A Bíblia torna claro que o dom profético estará presente na igreja verdadeira de Deus nos últimos dias. João, o revelador, declara que a igreja remanescente «guardará os mandamentos de Deus e terá o testemunho de Jesus Cristo» (Apoc. 12:17). O «testemunho de Jesus» é definido em Apocalipse 19:10 como sendo «o espírito de profecia». Jesus testifica à igreja por meio da profecia.

---

### A Bíblia torna claro que o dom profético estará presente na igreja verdadeira de Deus nos últimos dias.

---

Nos primórdios da vida do grande Movimento do Segundo Advento durante os meados do século passado, Deus concedeu o dom de profecia a Ellen G. Harmon (mais tarde White), uma jovem consagrada vivendo em Portland, Maine. O seu ministério continuou durante aproximadamente 70 anos, até à sua morte em 1915. Sob inspiração ela escreveu cerca de 4.600 artigos para revistas da igreja, e cerca de 50 livros, incluindo o seu **magnum opus**, os cinco volumes da série do Conflito dos Séculos, que traçam o grande conflito desde o começo do pecado no coração de Lúcifer até à altura em que a terra será purificada pelo fogo final do milénio.

Os escritos da senhora White não são uma adição à Bíblia, nem se destinam a tomar o seu lugar. «De acordo com a posição histórica Protestante, os Adventistas do Sétimo Dia aceitam a Bíblia e somente a Bíblia como a única regra de fé e prática para o cristão, crêem ser ela no seu todo a verdadeira, autêntica e autorizada palavra de Deus na linguagem dos homens.

... Os Adventistas do Sétimo Dia reconhecem o dom profético à parte do Cânone Sagrado como tendo operado antes, durante e depois da composição da Bíblia, mas afirmam que as Escrituras canônicas constituem a norma pelas quais todas as outras mensagens proféticas devem ser aferidas. Crêem que este dom nunca foi completamente retirado, mas tem sido manifestado de quando em quando através da história, e pertence à igreja hoje. O cânone das Escrituras constitui a mensagem de Deus a todos os homens de todas as épocas; revelação extracanônica pertence àqueles a quem é originalmente dirigida. Os Adventistas do Sétimo Dia aceitam os escritos de Ellen G. White como representando a obra do dom profético, mas não como tomando o lugar da Bíblia ou constituindo uma adição a ela». — **Seventh-day Adventist Encyclopedia**, pág. 1413.

A própria Ellen White tomou esta posição. Durante toda a sua vida ela exaltou a Bíblia como a infalível revelação da vontade de Deus e a norma do carácter (**O Grande Conflito**, pág. 12). Repetidas vezes apelou ela às pessoas para estudarem a Palavra. Ela escreveu que «a Bíblia e a Bíblia só» deve ser «a norma de todas as doutrinas e a base de todas as reformas. ... Antes de aceitar qualquer doutrina ou preceito, devemos pedir, em seu apoio, um claro — 'Assim diz o Senhor'». — **Idem**, pág. 478.

Quando um dos crentes sugeriu que os escritos de Ellen White fossem uma adição à Bíblia, ela protestou, dizendo que «ele apresenta o assunto numa falsa luz. Deus achou por bem trazer, por este meio, as mentes do Seu povo à Sua palavra, para lhes dar uma compreensão mais clara acerca dela». — **Testimonies**, vol. 4, pág. 426. Ela disse que os seus testemunhos «não são para dar uma nova luz, mas para impressionarem vividamente sobre o coração as verdades da inspiração já reveladas». — **Idem**, vol. 2, pág. 605.

Hoje, como em tempos passados, cada comunicação de Deus é preciosa. A mensagem Bíblica é ainda oportuna: «Não extingais o Espírito. Não desprezeis as profecias» (1 Tess. 5:19 e 20). «Crede no Senhor vosso Deus, e estareis seguros; crede nos Seus profetas, e sereis prosperados». (2 Cron. 20:20).

Para estudo adicional

Ver Joel 2:28-29; Actos 2:14-21; Heb. 1:1-3.





# A Lei de Deus

Vivemos num universo caracterizado pela lei e a ordem. Não apenas colocou o Criador em operação as leis que governam os movimentos, semelhantes aos dum relógio, dos corpos celestes, mas instituiu leis que regulam a vida e a saúde dos seres humanos que Ele colocou neste planeta. Estas leis destinam-se à favorecer a vida em vez de a impedirem. A «vida com abundância» que Jesus prometeu em João 10:10 àqueles que O seguem vem como resultado da nossa cooperação com as leis de Deus sobre a vida e a saúde. Estas leis mantêm perante nós um ideal e implicam uma promessa que, pela graça de Deus, podemos atingir o ideal.

Jesus veio a este mundo não apenas para nos mostrar como viver de acordo com as leis de Deus, mas para prover a graça transformadora que somente nos pode capacitar a render-nos completamente à vontade de Deus a nosso respeito tal como está expressa nas Suas leis. Em vez de serem requisitos para entrarmos no Céu, as leis de Deus tornam-se para o consagrado cristão a medida ou bitola da sua experiência de crescimento n'Ele e o desafio de continuar a crescer em graça.

Nos nossos dias de crise mundial de energia é óbvio que as leis que limitam as velocidades nas auto-estradas e regulam o influxo de tráfego, as transacções comerciais e até as relações internacionais são essenciais à preservação da sociedade e das vidas individualmente. De maneira muito idêntica as directrizes e regulamentos nas relações morais e sociais de pessoa para pessoa e das pessoas para com Deus são essenciais.

---

**A salvação é pela graça por meio da fé e não pelas obras, mas o fruto da operação do Espírito Santo nas nossas vidas é a obediência aos mandamentos.**

---

Os grandes princípios da lei moral de Deus estão incorporados nos Dez Mandamentos e foram exemplificados na vida de Cristo. Satanás tem tentado, desde o começo do pecado, convencer todo

o universo de que é impossível viver de acordo com a lei de Deus. Mas Cristo veio provar que Satanás está errado. Ele demonstrou, por meio do Seu exemplo perfeito, o que significa cumprir a lei. Disse Ele: «Não penseis que vim abolir a lei e os profetas; Não vim aboli-los mas cumpri-los». (Mat. 5:17, R.S.V.). **Cumprir** significa vivê-los e pô-los na sua devida perspectiva. Jesus veio dar-nos uma nova perspectiva do propósito, poder e promessa da lei de Deus.

Os Dez Mandamentos expressam o amor, vontade e os propósitos de Deus a respeito da conduta humana e são tão válidos e significativos para as pessoas hoje como quando foram primeiramente dados. Embora a maior parte deles estejam expressos na negativa «Não terás, não farás, etc.», eles não são tanto restrições como são palavras retratadas da espécie de carácter que os filhos de Deus reflectirão quando escolherem viver como Ele deseja que vivam. Eles podem ser expressos de modo afirmativo como segue:

1. **LEALDADE** — Deus deve ser o primeiro. Se somos de Cristo, os nossos pensamentos pertencem-Lhe. Buscaremos o espiritual e não o material. Ansiaremos reflectir a Sua imagem, respirar o Seu Espírito, fazer a Sua vontade e agradar-Lhe em todas as coisas.

2. **CULTO** — Adoramos o Invisível, não o visível. As coisas que outrora odiávamos agora amamos e as coisas que outrora amávamos agora odiamos. A alma é purificada da vaidade e do orgulho e temos períodos regulares de devoção profunda e fervorosa.

3. **REVERÊNCIA** — Isto proíbe não somente jurar e a secularização do sagrado, mas também uma falsa profissão de fé. Os vãos costumes e as modas do mundo são postos de lado. A nossa conversação, afeições e simpatias estão no Céu. Os nossos corações manter-se-ão ternos e subjugados pelo Espírito de Cristo.

4. **SANTIFICAÇÃO** — Cristo é reconhecido como Criador e Recriador, não somente na guarda da sétima parte do tempo, mas na nossa plena aceitação do repouso da redenção. A Sua santidade é evidenciada nas nossas vidas, e as obras de santidade, que anteriormente achávamos enfadonhas, sem interesse e cansativas são agora o nosso deleite.



5. RESPEITO PELA AUTORIDADE — Isto começa no lar entre pais e filhos, mas estende-se a todas as relações, tanto para com Deus como para com o homem. A desobediência e a rebelião são substituídas pela obediência e cooperação.

6. AMOR — Mesmo o ódio e a ira violam este mandamento, mas nas pessoas verdadeiramente convertidas o amor, a humildade e a paz tomam o lugar da ira, inveja e disputa. As nossas almas estão imbuídas do amor divino e cativadas pelos mistérios celestiais. O fruto do Espírito — amor — é evidenciado na vida.

7. PUREZA — Há uma transformação completa — a paixão, os apetites e a vontade são trazidos sob perfeita submissão a Deus. A vida anterior parece desagradável e pecaminosa. Os pensamentos pecaminosos são postos de lado e as más acções são renunciadas. A piedade é evidenciada tanto no lar como fora dele.

8. HONESTIDADE — Isto envolve a nossa relação não apenas com os nossos semelhantes mas com Deus. Em vez de roubarmos a Deus de coisas tais como a nossa saúde, tempo, dízimos e ofertas, alegremente dedicaremos tudo o que temos a Ele. O dever torna-se um deleite e o sacrifício um prazer.

9. VERACIDADE — Pelas nossas palavras seremos justificados ou condenados. Quando o coração é recto, as nossas palavras e acções serão rectas, e nos tornaremos homens e mulheres de estrita integridade. O eu é subjugado e o falar maldizente é vencido.

10. CONTENTAMENTO — Não mais seremos ciumentos ou descontentes, porque as nossas vidas não estão centralizadas no que é material. A prática da santidade será agradável quando há perfeita ren-

dição a Deus. A alegria toma o lugar da tristeza e o semblante reflecte a paz e a felicidade do céu.

Embora a lei de Deus não deva ser confundida com os Seus concertos, os Dez Mandamentos são a base tanto para o Velho concerto (Exo. 24:3-8) como para o novo concerto (Héb. 8:10). Como norma da conduta humana e das suas relações, a lei de Deus também se torna a norma do juízo (Ecl. 12:13 e 14; Tiago 2:8-12).

Por intermédio da agência do Espírito Santo, os mandamentos apontam o pecado (1 João 3:4) e despertam os nossos sentidos de necessidade dum Salvador. Quando nos volvemos para Cristo, o Espírito Santo continua a operar com o Seu poder transformador nas nossas vidas. A salvação é pela graça por meio da fé e não pelas obras, mas o fruto da operação do Espírito nas nossas vidas é a obediência aos mandamentos.

Esta obediência desenvolve o carácter cristão e resulta num senso de bem-fazer e bem-estar. É a evidência do nosso amor pelo Senhor e o nosso interesse pelos nossos semelhantes. Ao ser vista em nós a obediência da fé, aqueles que estiverem ao nosso redor reconhecerão o poder de Deus para transformar vidas e desejarão experimentar o mesmo poder. Desse modo a guarda dos mandamentos de Deus fortalece o nosso testemunho cristão. Deus aponta para aqueles que guardam os Seus mandamentos nos últimos dias como uma vindicação especial do Seu carácter e da clareza dos Seus preceitos (Apoc. 14:12).

#### Para estudo adicional

Ver Exo. 20:1-17; Mat. 5:17; Deut. 28:1-14; Salmos 19:7-13; 119; Mat. 22:36-40; João 14:15; Rom. 8:1-4; Efés. 2:8; 1 João 5:3.



## O Sábado

O Sábado, o sétimo dia de cada semana, é o Sábado Bíblico. É o memorial da actividade criadora de Deus, quando um Criador amoroso fez o mundo em seis dias e descansou no sétimo (Gén. 2:1-3). Ele é também o sinal da nossa redenção em Cristo Jesus (Heb. 4:9), lembrando-nos que Aquele que fez primeiramente todas as coisas e as pronunciou muito boas (Gén. 1:31) nos tirou do reino do peca-

do para o Seu próprio reino (Col. 1:13) e que um dia fará novas todas as coisas (Apoc. 21:5).

O quarto mandamento do Decálogo ordena-nos: «Lembra-te do dia do Sábado, para o santificar. Seis dias trabalharás e farás toda a tua obra; mas o sétimo dia é o Sábado do Senhor teu Deus; não farás nenhuma obra, nem tu, nem teu filho, nem tua filha, nem o teu servo, nem a tua serva,

nem o teu animal, nem o teu estrangeiro, que está dentro das tuas portas. Porque em seis dias fez o Senhor os céus e a terra, o mar e tudo que neles há, e ao sétimo dia descansou; portanto abençoou o Senhor o dia do Sábado, e o santificou» (Êxo. 20:8-11). Esta lei divina é imutável nos seus requisitos. O Sábado foi instituído antes da Queda; ele continuará na nova Terra (Isa. 66:23).

Quando seguimos Cristo e fervorosamente buscamos obedecer à Sua vontade, o mandamento do Sábado não é pesado. Cristo o Senhor do Sábado (Marcos 2:27-28), habita em nós pelo Seu Santo Espírito, escrevendo os requisitos da eterna lei nas tábuas de carne do coração (Ezeq. 36:26; Heb. 8:10-11). Em vez de ser um dia de tristeza e restrição, o Sábado é um «deleite, o santo dia do Senhor, digno de honra» (Isa. 58:13). É um símbolo da nossa liberdade em Cristo. Assim como Ele nos libertou do domínio do eu e do mal, alegremente entramos no Seu dia de repouso.

O Sábado é um dia santificado. A bênção de Deus permanece nele numa maneira que o coloca à parte dos outros seis dias. É um dia em que pomos de lado o nosso trabalho, cuidados e procedimentos comuns para nos devotarmos à festa espiritual que Deus preparou para nós. Descansamos n'Ele, reunindo-nos para o culto (Heb. 10:25), edificando-nos uns aos outros em companheirismo (Versículo 24), e ministrando àqueles em necessidade de acordo com o exemplo de Jesus (João 5:1-17). Deste modo, Deus dá-nos no Sábado um antegozo da nossa eterna morada com Ele. Apreendemos o espírito dos remidos de todos os tempos quando nos reunirmos à volta do trono celeste e cantarmos os Seus louvores pela Sua salvação em Jesus Cristo (Heb. 12:18-24)

## Bênção para todas as nações

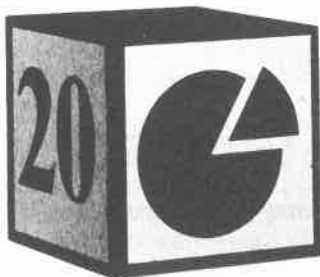
Embora o Sábado tenha sido reiterado a Israel nos Dez Mandamentos dados no Sinai, foi destinada por Deus a ser uma bênção para todas as nações. Mesmo «os filhos dos estrangeiros» o podem observar e encontrar alegria nele (Isa. 56:4-7). E assim, na última mensagem de Deus à humanidade, simbolizada pelos três anjos de Apocalipse 14:6-12, os homens e as mulheres são de novo chamados a reconhecer Deus como criador de todos e a guardar os seus mandamentos. Assim, no tempo do fim o Sábado emerge com significado adicional ao tornar-se o teste específico de lealdade a Deus numa época de generalizada apostasia (ver Apoc. 13:8-14:15).

Assim como o curso do sol através dos céus marca os dias da semana e designa cada sétimo dia como o Sábado, o dia de repouso e culto apontado por Deus, assim aponta o pôr-do-sol para as fronteiras do Sábado: «Duma tarde a outra tarde celebrareis o vosso Sábado» (Lev. 23:32; ver também Marcos 1:32).

Na Criação Deus colocou à parte o Sábado e abençoou-o (Gen. 2:1-3). Agora Ele coloca-nos à parte como o Seu povo e abençoa-nos (1 Pedro 2:9-10). Semana após semana, ao celebrarmos o Sábado, é-nos assegurado que o santo dia é um sinal entre Ele e nós, para que saibamos que Ele é «o Senhor que nos santifica» (Êxodo 31:13).

Para estudo adicional:

Ver Deut. 5:12-15; Ezeq. 20:20; Lucas 4:16; Actos 17:2.



## Mordomia

Havia um homem que não tinha nada e Deus deu-lhe dez maçãs. Deu-lhe as primeiras três maçãs para comer. As três segundas para vender a fim de arranjar um abrigo para o sol e a chuva. As três terceiras para vender para adquirir roupas para vestir. A última foi para que ele tivesse alguma coisa para devolver a Deus a fim de lhe mostrar gratidão pelas outras nove.

O homem comeu as primeiras três maçãs. Vendeu as segundas três para adquirir abrigo contra o sol e a chuva. Vendeu as terceiras três para adquirir roupa para vestir. Depois olhou para a décima maçã, e pareceu-lhe maior e mais sumarenta do que as restantes. Ele sabia que Deus lhe tinha dado a décima a fim de Lha devolver para com isso mostrar gratidão pelas outras nove. Mas ele raciocinou que

Deus não precisava dela, porque Ele tinha todas as outras maçãs no mundo. Assim o homem comeu a décima maçã e devolveu a Deus o cascabelho.

Esta simples parábola ilustra os princípios envolvidos na mordomia. Deus é o Criador deste mundo e por conseguinte o dono de tudo o que há nele. Tudo o que temos nos foi dado por Ele (Gén. 1:26-28).

Atrás do pão está a alva farinha,  
E atrás da farinha, o moinho,  
E atrás do moinho, o trigo e a chuva,  
E o sol e a vontade do Pai.

Somos mordomos, despenseiros da propriedade do Senhor, que devemos a nossa própria vida e respiração ao Seu poder sustentador (Gén. 2:15; Actos 17:24-28).

Em retorno pelas Suas abundantes dádivas, o Criador requer que cuidemos deste mundo maravilhoso que Ele criou para ser o nosso lar. Os seus recursos devem ser usados sabiamente e sem egoísmo. Porque somos devedores a Deus pelo dom da vida, Ele tem o direito de esperar que dediquemos a Ele e a outros o nosso tempo, talentos e energia em amável serviço.

Em reconhecimento de ser Ele o dono de tudo e da nossa dependência d'Ele, Deus pede-nos que devolvamos um décimo, o dízimo, das nossas «receitas» à igreja para o sustento do ministério (Sal. 24:1; Deut. 14:22; Num. 18:21; I Cor. 9:9-14). Este dinheiro Ele reclama como Seu, de modo que ao devolvê-lo não Lhe estamos realmente a *dar* nada; estamos simplesmente a pagar um débito. Reter este dízimo significa sermos culpados de roubar a Deus (Mal. 3:8-9). As ofertas que contribuirmos em adição ao dízimo mostram o nosso amor e revelam a extensão da nossa generosidade (Deut. 16:17; 2 Cor. 9:7). Como o Sábado (um dia em sete do nosso tempo), o dízimo (um escudo em dez da nossa riqueza) reconhece o poder criador de Deus e o Seu direito de propriedade.

Ao antigo Israel era requerido dar um segundo dízimo; de facto, as suas contribuições para fins religiosos e caritativos totalizavam, pelo menos, um quarto das suas receitas. Alguns dos mais conscienciosos davam até um terço. Requer a tarefa de levar o evangelho a todo o mundo nesta geração menos de nós? Devem os cristãos ser menos generosos com o seu Redentor do que eram os judeus?

O facto surpreendente é que os cristãos como um todo têm sido muito menos generosos. Para demonstrar isto, imaginemos que cada membro de igreja, num país próspero do Ocidente, de repente perdesse todos os seus bens e propriedades e passasse a mendigar. Se sobre esta mísera subsistência cada um tivesse de pagar o dízimo, as receitas das igrejas desse país seriam cerca de um terço maiores do que o são agora. O dízimo tem sido tristemente negligenciado pelos cristãos. No seu lugar as igrejas têm sido suportadas por rifas, bazares, festas, aluguer de bancos nas igrejas e pelo jogo — tudo para

evitar o plano de dar sistemático tal como está descrito na Bíblia. Não é de admirar que a obra evangélica esteja muito aquém do que podia estar!

## Mata o egoísmo

O plano do dízimo e das ofertas foi-nos dado por um todo-sábio Criador com o propósito de matar o nosso egoísmo inerente. Jesus disse: «Onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração» (Lucas 12:34). A beneficência sistemática permite-nos desviar os nossos olhos dos tesouros passageiros terrenos e entesourar no céu.

Todos os requisitos de Deus são acompanhados da promessa de bênçãos para o obediente: «Trazei todos os dízimos à casa do tesouro...; e depois fazei prova de Mim, diz o Senhor dos Exércitos, se Eu não vos abrir as janelas do céu, e não derramar sobre vós uma bênção tal, que dela vos advenha a maior abastança. E por causa de vós reпреnderei o devorador, para que não vos consuma o fruto da terra; e a vide no campo vos não será estéril, diz o Senhor dos Exércitos» (Mal. 3:10-11).

As evidências de que Deus cumpre a Sua promessa não são difíceis de encontrar. Na província fértil de Mendoza, Argentina, foi prevista a formação duma grande camada de geada durante o usualmente verão quente. Os irmãos Sorianos, membros da Igreja Adventista do Sétimo Dia local e fiéis dizimistas, estavam alarmados com a sua plantação de 80 ha de tomates quase prontos para a colheita. Compreendendo que a geada iria destruir toda a plantação, realizaram uma reunião especial de oração na igreja naquela noite. Imaginai a sua alegria quando na manhã seguinte descobriram que enquanto todas as outras plantações nas fazendas circunvizinhas tinham ficado destruídas, nem sequer um tomate havia sido danificado na sua propriedade.

Pouco depois duma família ter começado a pagar o dízimo no Missouri, receberam uma oferta de 100 Dólares. Embora precisassem bastante de todo aquele dinheiro para outras coisas, resolveram pôr de parte 10 Dólares para o dízimo, tendo recebido logo a seguir uma outra oferta de 10 Dólares. Quando dizimaram estes últimos 10 Dólares, receberam uma carta dum amigo com a oferta de 1 Dólar. Pagaram o dízimo desse dólar. Quase imediatamente acharam uma moeda de 10 cêntimos do Dólar. Não houve dúvida alguma na mente desta família de que Deus estava tentando impressioná-los com o facto de que nunca perdemos quando Lhe devolvemos o que é Seu.

Tem sido dito que seis surpresas aguardam aquele que começa a dizimar as suas receitas: a quantidade de dinheiro que ele tem para a obra do Senhor; o aprofundamento da sua vida espiritual; a sua facilidade em fazer face aos seus próprios compromissos com os nove décimos; a facilidade de aumentar as suas ofertas para além dos dez por cento; a preparação que isto dá para ser um mordomo

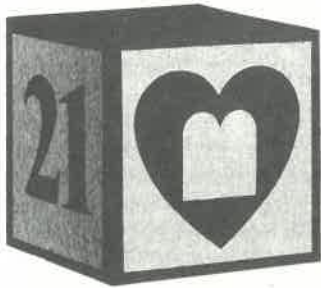
fiel e sábio sobre os restantes nove décimos; e surpresa para consigo mesmo de não ter adoptado o plano mais cedo.

Deus tem-nos dado maças suficientes para fazer face às nossas necessidades, mais uma para Lhe mostrarmos a nossa gratidão. Se na verdade O amarmos, alegremente Lhe devolveremos a maior e mais sumarenta das nossas maças.

A mordomia é um privilégio a nós dado por Deus para aumentar o nosso amor por Ele. Os mordomos fiéis alegram-se nas bênçãos que outros recebem como resultado da sua fidelidade.

Para estudo adicional:

Ver Gén. 28:20-22; Lev. 27:30; Num. 18:21; Deut. 8:18; Porv. 3:9; Mat. 23:23.



# O Comportamento Cristão

Embora escrito nos dias do circo romano, o conselho do amado discípulo João é tão significativo no século XX como o foi no primeiro. A todos os que têm ouvido o chamado de Deus para uma vida melhor ele escreve: «Não ameis o mundo ou as coisas que nele há. Se alguém ama o mundo o amor para com o Pai não está nele. Pois tudo o que está no mundo, a concupiscência da carne e a concupiscência dos olhos e o orgulho da vida, não é do Pai mas do mundo. E o mundo passa e a sua concupiscência; mas aquele que faz a vontade de Deus permanece para sempre (I João 2:15-17, R.S.V.). A verdadeira religião é muito mais do que uma experiência por semana. Engloba todas as nossas actividades, incluindo recreação, música, leitura, vestuário, e dieta (Efés. 5:1-3, 19; II Cor. 10:5; Lev. 11).

Na área dos divertimentos ou entretenimento um cristão sincero perguntará, posso orar a Deus para que Ele abençoe este uso do meu tempo? Fortalecer-me-á isto física, mental, social ou espiritualmente? É isto puro, nobre e elevado; ou excita a paixão, glorifica o vício e enfraquece os princípios nobres? Leva-me esta actividade a esquecer-me de Deus ou negligenciar a Sua Palavra, a oração e os interesses eternos? Alimenta a minha natureza espiritual ou fortalece as minhas tendências pecaminosas, enfraquecendo a minha resistência à tentação? Entro num mundo de sonhos que me incapacita para as realidades da vida? Poderia calmamente encarar a morte ou Cristo na Sua segunda vinda enquanto empenhado nesta actividade?

Tais perguntas respondidas honestamente resultarão em evitar muitas das produções teatrais (quer no palco, écran ou televisão), a dança, novelas, jogo de cartas, jogo de azar, e o tipo de música jazz-rock. Estas influências negativas serão substituídas

por «aquelas coisas que são boas e dignas de louvor: coisas que são verdadeiras, nobres, justas, puras, amáveis e honrosas» (Fil. 4:8, T.E.V.). A saúde física e espiritual, assim como uma disposição alegre e de paz, será promovida por uma sã e completa recreação ao ar livre, actividades na natureza, programas educacionais e inspiradores, leitura, e música da melhor e mais elevadora. Aceitando o desafio celeste, «Não vos conformeis com as normas deste mundo, mas permiti que Deus vos transforme interiormente por uma mudança completa da vossa mente», podeis reclamar o cumprimento da Sua promessa, «Podereis então conhecer a vontade de Deus — o que é bom, o que Lhe é agradável e o que é perfeito» (Rom. 12:2, T.E.V.).

A vontade do Senhor para nós inclui não apenas as nossas diversões ou passatempos mas também a nossa aparência. Ele deseja que sejamos bonitos, formosos, e por isso adverte-nos contra os artificialismos que haveriam de mascarar a verdadeira beleza. As mulheres devem «ser modestas e sensíveis quanto às suas roupas e ... vestirem-se apropriadamente; não com penteados fantasiosos ou com ornamentos de ouro ou pérolas ou vestidos caros» (I Tim. 2:9, T.E.V.). A aplicação destes princípios haveria de levar homens e mulheres a evitar roupas que são designadas a atrair a atenção ou excitar a admiração, que vão para além das nossas necessidades e custam mais do que deveria ser gasto para nos mantermos com as últimas modas. Os cristãos encontrarão maior satisfação em usar roupas que sejam adequadas, bem feitas, conservadoras e apropriadas.

Embora reconhecendo as diferenças de cultura, devemos manter o nosso vestuário simples, modesto e limpo. Beleza, qualidade, ordem e humildade são princípios do reino de Deus «Não deveis usar

ajudas exteriores para vos tornardes formosos, tais como o penteado dos cabelos, ou as jóias que usais, ou os vestidos que vestis. Em vez disso, a vossa beleza deve consistir no íntegro carácter interior, a perene beleza dum espírito manso e pacífico, que é do maior valor à vista de Deus» (I Ped. 3:3-4).

### Ajudas à aparência saudável

Uma das principais ajudas à boa aparência é uma boa saúde. A vontade divina para nós é também «que tenhais saúde, assim como prospere a vossa alma» (III João 2). Entre os cristãos, os Adventistas do Sétimo Dia são conhecidos pela sua ênfase na saúde. Um estudo extenso revelou que eles sofrem apenas 20% de cancro relacionado com o fumo, 13% das mortes de cirrose do fígado, que está relacionada com o beber, 48,6% de mortes de todas as causas principais que sofre o público em geral. Como resultado, desse estudo, verificou-se que as mulheres Adventistas vivem 3 anos mais e que os homens adventistas vivem 6 anos mais do que os não-adventistas. A sua abstinência total de álcool, tabaco e drogas prejudiciais, a sua ênfase numa dieta saudável (vegetariana sempre que possível), a sua rejeição de café e chá, a promoção de exercício físico, repouso adequado, e confiança em Deus conta sem dúvida para o que tem sido chamado «a vantagem adventista».

Esta vantagem é extensiva a todos os que aceitarem o convite divino: «Quer comais quer bebais, ou façais qualquer outra coisa, fazei tudo para glória de Deus» (I Cor. 10:31). Por exemplo, os monges Trapistas, que não comem carne alguma, têm

um quinto de doenças cardíacas, comparados com os Beneditinos que têm uma dieta semelhante à média dos americanos. A Organização Mundial de Saúde calcula que até 85% de todas as doenças cancerosas são o resultado de maus hábitos de saúde.

A falta de exercício está provavelmente reduzindo o período de vida dos homens norte-americanos em 5 anos. O Departamento Cirúrgico Principal dos Estados Unidos conclui que uma dieta contendo menos carne e gordura saturada, menos açúcar e sal, e mais frutas, vegetais, cereais (de preferência integrais), flocos de cereais (trigo, aveia, milho, etc), é a que promove uma ótima saúde. Esta é, essencialmente, a dieta que os adventistas têm estado a seguir desde há 100 anos.

Muitas pessoas sabem que deveriam viver melhor, mas falta-lhes a força interior para fazerem as mudanças necessárias. Que melhor motivação poderiam elas ter do que a compreensão de que o seu «corpo é um templo do Espírito Santo. ... Não sois de vós mesmos; fostes comprados por um preço. Por isso glorificai a Deus no vosso corpo» (I Cor. 6:19-20, R.S.V.).

Jesus delcarou: «Eu vim para que tenham vida ... mais abundante» (João 10:10). Reforma sem Cristo é legalismo. Mas Cristo sem reforma é mero sentimentalismo. A Sabedoria Divina diz: «Por Meu intermédio os teus dias serão multiplicados, e os anos da tua vida serão aumentados» (Prov. 9:11). Aqui está tanto a promessa como o poder para uma vida mais feliz e mais saudável.

Para estudo adicional:

Ver II Cor. 7:1; Col. 3:1-3; I Tess. 5:22; Tito 2:11-14; II Pedro 3:11; I João 2:6.



## O Casamento e a Família

A despeito do facto da maioria dos casais no dia do seu casamento ter a intenção de vir a ter um casamento duradouro, o divórcio está aumentando, e muitos casamentos se desfazem antes das despesas do casamento terem sido pagas ou pouco depois. E apesar das esperanças e sonhos acalentados pelos pais ao trazerem do hospital para casa os seus preciosos rebentos, 70 por cento indicam que não teriam tido filhos se pudessem voltar atrás (ba-

seado nas respostas de 10 000 pais que responderam a uma pergunta da jornalista Ann Landers).

Embora sempre nos tenhamos chocado com a destruição de lares, por questões de abuso ou negligência dos filhos por parte dos pais, pelo desrespeito dos filhos para com os pais e pela interrupção de comunicação entre os membros da família, dificilmente nos surpreendemos agora. Estamos bem conscientes do facto de que a família como institui-

ção está enfrentando sérios problemas.

Os conselheiros matrimoniais, ministros, educadores, psicólogos e outros procuram providenciar soluções ajudadoras aos problemas dos lares, mas o seu melhor conselho está baseado em princípios referentes ao casamento e à família estabelecidos por Deus na Sua Santa Palavra. No final de contas, cada princípio de relações humanas mencionado na Bíblia (por exemplo, a regra áurea), quer seja ou não dirigido especificamente à família pode no entanto ser-lhe aplicado.

O primeiro casamento, celebrado por Deus no Éden, devia ser um modelo para os casamentos das gerações sucessivas. Devido à necessidade de companhia por parte de Adão, Deus criou Eva (Gén. 2:18). Quando Adão a viu, reconheceu que ela preencheria as suas necessidades e sentiu uma profunda responsabilidade para preencher as dela. «Esta é agora osso dos meus ossos, e carne da minha carne», disse ele. «Portanto deixará o homem o seu pai e a sua mãe e unirá-se à sua mulher: e serão ambos uma carne» (Gén. 2:23-24).

Esta ideia de unidade é reiterada pelo apóstolo Paulo em Efésios, onde salienta que o amor, cuidado e solicitude entre maridos e esposas deveriam ser aferidos pelos de Cristo pela Sua igreja (Efés. 5:21-33).

Em II Coríntios 6 Paulo menciona um importante princípio matrimonial. Os crentes não devem estar unidos em jugo desigual com os descrentes (Vers. 14); noutras palavras os parceiros matrimoniais deveriam partilhar uma fé comum. A experiência tem mostrado que este princípio é válido, pois os casamentos entre crentes e descrentes quase sempre resultam em aumento de angústia, ansiedade e miséria na parte de ambos os parceiros, compromisso de princípios e filhos confusos.

No plano de Deus o lar é um dos elementos mais permanentes e estáveis da sociedade. Para sublinhar isto, Jesus afirmou várias vezes no Seu ministério que a única razão válida para o divórcio é a infidelidade, que uma pessoa que se divorcia por outras razões e depois volta a casar é culpada de adultério (Lucas 16:18; Marcos 10:11-12; Mat. 5:31-32; 19:1-9).

Que devem então as pessoas fazer que não têm razões Bíblicas para se divorciarem, mas que apesar disso se divorciam? Paulo aconselha: «Que a mulher se não aparte do marido. Se, porém se apartar, que fique sem casar, ou que se reconcilie com o marido; e que o marido não deixe a mulher» (I Cor. 7:10-11).

Ao convidarem Cristo a ser o terceiro membro da relação matrimonial, os maridos e esposas serão capacitados a tornar a sua união mais suave e mais compensadora. Uma oração matrimonial, escrita por um marido, ilustra perfeitamente este ponto: «Para que eu possa aproximar-me mais dela, atraí-me para mais perto de Ti do que dela; para que a possa conhecer, faz-me conhecer-Te melhor do que a ela; para que a possa amar com o amor perfeito de todo o meu coração, faz-me amar-Te mais do que a ela e mais do que tudo. Amém. Amém. Para que nada haja entre mim e ela, sê Tu presente entre nós cada momento. Para que possamos estar constantemente juntos, atraí-nos, Senhor, para uma separada comunhão a sós contigo. E quando nos encontrarmos peito a peito, meu Deus, que possa ser no Teu próprio peito. Amém. Amém.»

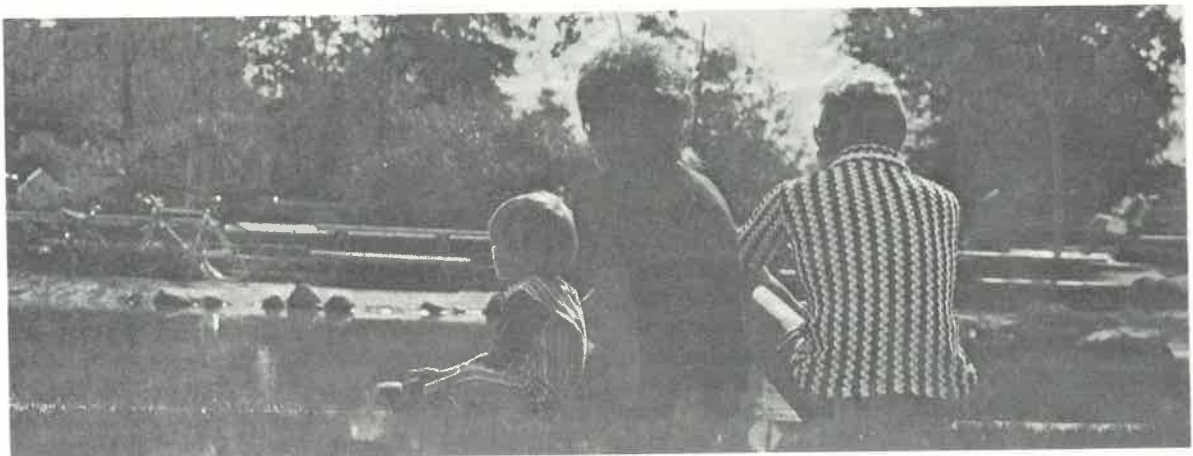
A Bíblia salienta a responsabilidade dos pais em educar os seus filhos em conhecer o Senhor e compreender os Seus mandamentos (Deut. 6:5-9). É-lhes ordenado que os «criem na doutrina e admoestação do Senhor» (Efés. 6:4). Ao aprenderem a confiar e a amar os seus pais como seus compreensivos e ternos guardiões, os filhos podem aprender a amar e a confiar em Deus como Seu Pai celeste.

Os filhos são admoestados a obedecer aos seus pais que obedecem ao Senhor (Efés. 6:1) e honrá-los (Exo. 20:12; Efés. 6:2-3).

Ao abrirem os pais e os filhos os seus corações à influência do Espírito Santo, prevalecerão a harmonia e o amor no lar. Esta intimidade crescente de uns para com os outros e para com Deus testificará do poder da mensagem final do evangelho para criar a espécie de unidade pela qual Cristo orou (Mal. 4:5-6; João 17:23).

Para estudo adicional:

Ver João 2:1-11; Efés. 5:21-23; Prov. 22:6.





# O Ministério de Cristo no Santuário Celeste

Tanto no Velho como no Novo Testamento, o santuário é representado como o lugar onde Deus habita. Por vezes é mencionado o santuário terrestre; outras vezes, o celeste. O salmista escreveu: «Ele (o Senhor) tem olhado desde o alto do Seu santuário; desde os céus o Senhor observou a terra» (Sal. 102:19). Habacuque acrescentou: «O Senhor está no Seu santo templo, cale-se diante d'Ele toda a terra» (cap. 2:20).

No Novo testamento são feitas repetidas referências ao Templo celestial. O livro de Hebreus refere-se a ele como «o verdadeiro tabernáculo» (cap. 8:2) e «um maior e mais perfeito tabernáculo» (cap. 9:11). Jesus é retratado como servindo nele como sumo sacerdote (cap. 8:1-2). Em visão João, o discípulo amado, viu a arca e o altar de ouro e o incenso no templo celestial (Apoc. 11:19; 8:3-5). Ele viu também seres servindo a Deus no templo (Apoc. 7:15), anjos saindo do Templo, e fumo enchendo o Templo (Apoc. 14:15; 15:5-8). Numa cena posterior ele ouviu «uma grande voz vinda do Templo» (Apoc. 16:1, 17).

Para obtermos alguma compreensão do santuário celestial e a obra que Jesus aí efectua como nosso sumo sacerdote, fazemos bem em considerar o santuário terrestre, que Moisés construiu de acordo com o padrão que Deus lhe mostrou no monte (Exo. 25:8-9, 40). O santuário celestial é, certamente, superior ao terrestre em cada particular; é um «maior e mais perfeito tabernáculo» (Heb. 9:8-11). De igual modo, o ministério de Cristo é superior, em cada particular, ao dos sacerdotes terrestres. O livro de Hebreus salienta isto repetidas vezes. Mas parece claro que o desígnio geral dos dois santuários é idêntico, e que os serviços do santuário terrestre se destinavam a revelar verdades essenciais acerca do santuário celestial.

Antigamente, os sacerdotes realizavam a sua obra de intercessão no lugar santo durante todo o ano, mas no fim do ano, no Dia da Expição, o sumo sacerdote entrava no lugar santíssimo para realizar a fase final do termo anual de serviços (Lev. 16). Por um estudo cuidadoso de Daniel 8 e 9, parece claro que em 1844 Cristo começou a fase final do Seu ministério no templo celestial — a fase corresponde ao Dia da Expição terrestre. Em visão um ser celestial disse a Daniel: «Até duas mil e trezentas tardes e manhãs e o santuário será purificado» (Dan. 8:14). Assumindo que o período dos 2 300

dias começou simultaneamente com o período das 70 semanas proféticas do capítulo 9 (e a palavra *determinadas* no versículo 24 sugere que as 70 semanas deviam ser «cortadas» do período mais longo) o ponto de partida seria «a ordem para restaurar e edificar Jerusalém» (vers. 25). A data deste decreto, que foi promulgado por Artaxerxes, está bem assente como sendo 457 A.C.. Utilizando o princípio anódia de interpretação profética, os 2 300 dias-anos estender-se-iam até ao ano de 1844 A.D.

As Escrituras não oferecem uma explicação pormenorizada da obra que deveria começar no céu em 1844, mas ao estudarmos a purificação do santuário terrestre, sabemos que o propósito da purificação era restaurar o santuário ao seu estado legítimo (cf. Dan. 8:14, R. S. V.) — noutras palavras, para remover dele o registo de pecados que nele se tinham acumulado durante o ano com a aspersão de sangue que os sacerdotes faziam sobre o véu. O estado legítimo do santuário era livre de pecados e puro, por isso no Dia da Expição o santuário era purificado ao ser removido o registo de pecados. Usando o simbolismo do Dia da Expição, o autor de Hebreus declara que enquanto era necessário que «os símbolos das coisas celestiais», isto é, o santuário terrestre, fossem purificados com o sangue de sacrifício de animais, «as próprias coisas celestiais» são purificadas com «melhores sacrifícios do que estes» (Heb. 9:23), uma óbvia referência à morte de Jesus sobre a cruz.

O antigo Dia da Expição, o dia em que o santuário era purificado, era o dia mais solene do ano, para os Judeus era um dia de juízo. Nesse dia as pessoas não deviam trabalhar e deviam afligir as suas almas. Aquelas que o não fizessem eram extirpadas da congregação de Israel (Lev. 23:27-32).

---

**A doutrina do santuário celestial quando correctamente compreendida, é uma pedra angular da fé cristã. Ela exalta o Cristo vivo como o nosso sumo sacerdote e advogado**

---

Assim como os sacerdotes terrestres desempenhavam as suas funções como um «exemplo e sombra das coisas celestiais» (Heb. 8:5); é razoável concluir que antes que Jesus, o verdadeiro Sumo Sacerdote, complete a Sua obra no céu em favor dos pecadores arrependidos e venha no Segundo Advento para levar o Seu povo para o céu, Ele «purifique» o santuário celestial, removendo dos livros do céu o registo dos seus pecados. Esta obra, que envolve separação dos seus verdadeiros seguidores daqueles que meramente fazem uma profissão de cristianismo, é algumas vezes chamada o juízo investigativo. O termo *juízo investigativo* não se encontra na Bíblia, mas são mencionados todos os elementos dum juízo — nomes dos defensores, livros de registo, um juiz, anjos assistentes, um veredicto, etc. (ver Dan. 7:9-10; Êxod. 32:32-33; Apoc. 3:5; 20:12, 15; 22:19, 11, 12; Fil. 4:3). Esta obra do juízo deve terminar antes de Jesus retornar à terra, pois quando Ele vier distribuirá as Suas recompensas (Apoc. 22:12; cf. Rom. 2:5-11).

Assim como a «purificação» do santuário celestial envolve uma obra de juízo, e de acordo com Daniel 8:14 a purificação devia começar no final dos 2 300 anos, a mensagem proclamada pelo primeiro anjo de Apocalipse 14 tem significado e relevância especiais hoje: «Temei a Deus e dai-Lhe glória por-

que vinda é a hora do Seu juízo» (vers. 7). Não é possível exagerar a solenidade deste tempo do juízo, pois quando o tribunal celestial completar a sua obra Jesus virá e levará com Ele aqueles que «guardam os mandamentos de Deus e têm a fé de Jesus» (versículo 12).

A doutrina do santuário celestial quando correctamente compreendida, é uma pedra angular da fé cristã, Ela exalta o Cristo vivo como o nosso sumo sacerdote e advogado. Ela torna claro que a lei dos dez mandamentos de Deus é o padrão pelo qual será julgado o carácter. Ela revela que é solene e único o presente período da história. Ela mostra que Deus é ao mesmo tempo justo e misericordioso na maneira como trata com os seres criados e como soluciona o problema do pecado. Devido à obra levada avante no santuário celestial, cada questão, dúvida e reserva acerca de Deus e do Seu procedimento em relação a Satanás serão removidos e os remidos unir-se-ão em cantar o glorioso cântico: «Grandes e maravilhosas são as tuas obras, Senhor Deus Todo-Poderoso; justos e verdadeiros são os teus caminhos, Tu ó Rei dos santos» (Apoc. 15:3).

Para estudo adicional:

Ver Heb. 1:3; 4:14-16; 9:11-28; Dan. 7:9-27; 8:13-14; Núm. 14:34; Ezeq. 4:6; Mal. 3:1.



## A Segunda Vinda de Cristo

Desde os primeiros dias da nossa existência como povo, nós Adventistas do Sétimo Dia temos cantado cânticos acerca da «bem aventurada esperança» na segunda vinda de Cristo (Tito 2:13). Como metade do nosso nome denominacional indica, nós aguardamos uma Segunda Vinda literal. Não apenas retornará Cristo, mas Ele retornará em breve, embora Ele não tenha revelado o tempo específico para este acontecimento. Porque cremos que um dia veremos Jesus vindo em triunfo, rodeado dos Seus santos anjos, somos pessoas felizes e os nossos cânticos reflectem esta alegria.

A razão para a segunda vinda de Jesus é que Ele ama os Seus irmãos e irmãs humanos e quer que estejam com Ele. «Vou preparar-vos um lugar», disse Ele aos primeiros discípulos. «E se Eu for e vos preparar lugar, virei outra vez, e receber-vos-ei

para Mim mesmo; para que onde Eu estiver estejais vós também» (João 14:2-3). Jesus levará os Seus amados — aqueles que estiverem vivos na Sua vinda e aqueles que tiverem morrido e que ressuscitarão quando Ele vier — para o céu com Ele (ver I Tess. 4:16-17).

Embora ninguém senão Deus conheça o tempo exacto da Segunda Vinda, é possível saber que está perto, «mesmo às portas» (Mat. 24:33), estudando as profecias e os sinais. A Segunda Vinda porá fim aos reinos terrestres da era presente e estabelecerá o reino de Deus, o último dos reinos preditos em Daniel 2. Devido ao facto da história registar que as outras porções da profecia de Daniel 2 se cumpriram, não há qualquer dúvida de que o reino de Deus será estabelecido como está predito.

Ao falar com os Seus discípulos sobre o Monte



das Oliveiras não muito antes da Sua crucifixão, Jesus enumerou uma série de sinais pelos quais os Seus seguidores poderiam saber quando estaria perto a Sua vinda (ver Mat. 24, Marcos 13 e Lucas 21). Haveria de haver sinais nos céus e na terra, e o evangelho seria pregado em todo o mundo. O apóstolo Paulo predisse o surgimento do anticristo, o homem do pecado, antes da Segunda Vinda (II Tess. 2:1-9), e Tiago descreveu as lutas sociais e as injustiças económicas (cap. 5:1-7). Pedro escreveu acerca do cepticismo com respeito à «promessa da Sua vinda» (II Pedro 3:1-6) e explicou porque tem sido demorada a Sua vinda.

### Falsos «cristos»

Além de observar cuidadosamente os sinais da vinda de Jesus, devemos aprender tudo acerca da maneira da Sua vinda, pois aparecerão falsos «cristos» nos últimos dias e enganarão a muitos (Mat. 24:4-5).

O retorno de Cristo será pessoal e literal. Como predisseram os anjos, «este mesmo Jesus» voltará à terra da mesma maneira que ascendeu ao céu (Actos 1:11). A Sua segunda vinda não deve ser confundida com a presença espiritual de Cristo com os crentes desde a Sua ascensão, com a descida do Espírito Santo como representante de Cristo, ou com a morte.

A segunda vinda de Cristo será não apenas literal, mas visível (Apoc. 1:7; Mat. 24:26-27). Multi-

dões, tanto crentes como descrentes, verão Jesus e os Seus anjos a vir à terra. Não há nada de secreto acerca da chegada de Jesus. Além do visível haverá o som. Em I Tess. 4:16 Paulo descreve a Segunda Vinda como sendo acompanhada por «alarido», com «a voz do arcanjo», e com o som da trombeta.

A Vinda de Jesus será gloriosa — é comparada à grandeza dum grande relâmpago que ilumina todo o céu (Mat. 24:27, 30). E será acompanhada da ressurreição dos justos mortos (I Tess. 4:16).

Enquanto aguardamos o retorno de Cristo, sentimos que devemos fazer o que pudermos para tornarmos o mundo um melhor lugar, mantendo sempre em mente que o nosso principal objectivo é preparar-nos e a outros para o mundo por vir.

Um cântico favorito de muitos, e hino de abertura e conclusão dos programas radiofónicos da igreja em todo o mundo, A Voz da Profecia, apropriadamente descreve a nossa antecipação da Segunda Vinda:

«Servos de Deus a buzina tocai;  
Breve Jesus voltará;  
Às multidões a mensagem levai;  
Breve Jesus voltará;  
Breve virá! Breve virá!  
Breve Jesus voltará.»

(Hino 134 do Cantai ao Senhor)

Para estudo adicional

Ver I Cor. 15:51-54; Joel 3:9-16; Heb. 9:28.



## A Morte e a Ressurreição

O ensino Bíblico concernente à ressurreição e à condição dos homens e mulheres na morte está pleno de conforto e coragem. Em tempos de tristeza não nos devemos entregar a descontrolada dor, «como alguns que não têm esperança» (I Tess. 4:13). A nossa razão para esperança é Cristo, que disse: «Porque Eu vivo, vós vivereis também» (João 14:19).

Na nossa compreensão do que acontece a uma pessoa na ocasião da morte, durante o estado intermédio, e na altura da ressurreição, nós Adventistas diferimos da maioria dos cristãos. Nós falamos da ressurreição duma *pessoa*, crendo na unidade da

pessoa e na impossibilidade de existência consciente à parte do corpo. Não há qualquer apoio Bíblico para o conceito de que haja na ressurreição uma reunificação do corpo com a alma do qual havia sido separada na morte. As palavras, hebraica e grega, traduzidas por «alma» na Bíblia, representam basicamente a própria pessoa, não uma parte consciente, sempre viva, capaz de existir fora do corpo.

Na altura da morte uma pessoa perde toda a consciência (Sal. 146:4). O corpo desintegra-se e torna-se como o pó da terra (Ecl. 3:20). Os mortos não existem conscientemente no céu ou no inferno. Metaforicamente, eles dormem (João 11:11; I Tess.

4:14). Eles serão chamados à ressurreição das suas sepulturas, onde, sem estarem conscientes do tempo, a sua espera parecer-lhes-á como se fosse apenas um momento.

Isto é outro exemplo do amor e misericórdia de Deus, pois se as pessoas fossem levadas para o céu na altura da morte, como poderiam elas gozar plenamente da bem-aventurança celestial se pudessem ver a tristeza e a dor que os seus amados estivessem a sofrer na terra?

Embora a Bíblia nada ensine acerca da consciência da alma ou espírito sobrevivendo à morte do corpo, ela tem muito a dizer acerca da vida depois da morte. Ela torna claro que a morte chega a todos, tanto justos como injustos, mas retrata um futuro grandemente diferente para ambos (João 5:28-29). Depois de terem repousado no pó até à ressurreição, os mortos viverão de novo para enfrentarem as consequências das suas escolhas durante a vida: aqueles que tiverem aceito a oferta de Cristo de vida eterna (João 3:16) receberão a imortalidade; aqueles que a tiverem rejeitado não dão qualquer oportunidade a Deus senão separá-los d'Ele para sempre. Não podem receber vida de nenhuma outra fonte, nem a podem continuar a receber de Deus, que por causa do Seu amor pelos Seus filhos redimidos não pode permitir que o egoísmo e o pecado coexistam com eles no Seu universo perfeito.

Na ocasião do Segundo Advento os santos de todos os séculos receberão a sua herança simultaneamente (I Tess. 4:16-17). Nesse dia de ressurreição, cada pessoa será uma nova criação e lhe será dado um novo corpo, todavia cada indivíduo reconhecerá os seus amigos e será por eles reconhecido. Aqueles que passearem nas ruas do céu serão exactamente as mesmas pessoas que viveram na terra e passaram pelas experiências que os tornaram únicos. É confortador saber que Deus preservará os

caracteres e personalidades das pessoas e que no dia da ressurreição as restaurará à sua própria natureza pessoal especial.

Os Adventistas do Sétimo Dia consideram a morte um inimigo, como outras pessoas o fazem, mas não nos sentimos terrificados por ela. Podemos enfrentá-la confiantemente, confiando no amoroso Pai e em Jesus, nosso Irmão mais velho, cuja vitória sobre a sepultura pode também ser a nossa vitória pela fé.

Um adventista que acabara de saber que era vítima de doença incurável ilustrou esta espécie de confiança ao escrever para um íntimo parente familiar amigo:

«Terça-feira à tarde... o diagnóstico original... foi confirmado. Isso foi difícil de suportar, como podeis imaginar, mas tudo irá correr bem, eu o sei. Deus ainda pode operar milagres. Nessa noite eu e a minha mulher tivemos uma longa conversa juntos e enfrentámos realmente tudo isto pela primeira vez juntos. Algumas vezes eu creio que Deus põe à prova o fervor das nossas orações e demora em responder a fim de provar a nossa fé. Não importa o que acontecer, o tempo é muito curto no que diz respeito a esta terra. Aprendemos a pensar que tudo isto é como se um pai dissesse ao seu filhinho que eram horas de ir para a cama. O rapaz pode argumentar e dizer que desejava ficar um pouco mais a pé, mas o pai estava pronto a dizer: «Filho, há um dia melhor amanhã, um novo dia no qual podes fazer as coisas que tu tanto desejas fazer».

«Se é isso que Deus me está a dizer, porque haveria eu de questionar a Sua sabedoria?»

#### Para estudo adicional

Ver I Tim. 6:15 e 16; Rom. 6:23; I Cor. 15:51-54; Ecl. 9:5 e 6; Rom. 8:35-39; Apoc. 20:1-10; João 5:24.



## O Milénio e o Fim do Pecado

O livro de Apocalipse descreve um período de 1 000 anos conhecido aos estudantes da Bíblia como «o milénio». O termo **milénio** não se encontra na Bíblia, mas deriva de duas palavras latinas — **mille**, que significa 1 000, e **annum**, que significa ano. Estas duas palavras combinadas deram a pala-

va **millennium** (milénio). No estudo das profecias, os estudantes da Bíblia usam o termo para se referirem exclusivamente ao período de 1 000 anos referido em Apocalipse 20.

De todas as profecias de tempo na Bíblia, talvez os pontos de começo e fim do milénio sejam os

mais fáceis de estabelecer, pois o milénio começará com uma ressurreição e terminará com outra ressurreição.

A ressurreição com a qual começará é chamada a «primeira ressurreição» e afectará apenas os justos mortos, pois as Escrituras dizem: «Bem-aventurados os que têm parte na primeira ressurreição» (Apoc. 20:6). A ressurreição no final do milénio é chamada a «segunda ressurreição» e afectará apenas os injustos, pois a Bíblia diz: «O resto dos mortos (aqueles que não ressurgiram na ressurreição dos justos) não reviveram até que os mil anos se acabaram» (versículo 5).

Estas são as ressurreições que Jesus referiu quando disse: «Vem a hora em que todos os que estão nos sepulcros ouvirão a Sua (do Filho do homem) voz. E os que fizeram o bem sairão para a ressurreição da vida; e os que fizeram o mal, para a ressurreição da condenação» (João 5:28-29).

Porque a Bíblia declara claramente que a ressurreição dos justos terá lugar por ocasião do segundo advento de Cristo, sabemos quando começará o milénio. O apóstolo Paulo declara: «O mesmo Senhor descerá do céu com alarido, e com voz de arcanjo, e com a trombeta de Deus; e os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro. Depois nós, os que ficarmos vivos, seremos arrebatados juntamente com eles nas nuvens, a encontrar o Senhor nos ares» (I Tess. 4:15-17).

Claramente, portanto, o milénio começará por ocasião da segunda vinda de Cristo; pois é nessa altura que os justos mortos serão ressuscitados. Então eles, com os justos vivos, serão levados com Cristo para o céu, como Ele prometeu (ver João 14:1-3). João, o discípulo amado, diz: «E viveram, e reinaram com Cristo durante mil anos» (Apoc. 20:4). Durante este período estarão ocupados numa obra de juízo. Este juízo envolve o exame dos casos dos perdidos e faz parte do plano divino para demonstrar a todo o universo que Deus é tanto justo como misericordioso. Os salvos, tendo escolhido o caminho de Deus, recebendo tanto o título como a aptidão para o céu ao aceitarem a justiça de Cristo, serão absolvidos e levados para o céu quando Jesus vier.

Onde estarão os maus enquanto os seus casos são examinados? Aqui na terra, mortos. Somente os justos serão ressurgidos na ocasião da vinda de Cristo, por isso é claro que os milhões de pessoas não salvas que morreram durante épocas passadas permanecerão nas suas sepulturas até à ressurreição no final do milénio. E os maus que estiverem vivos na ocasião do Segundo Advento serão mortos (II Tess. 1:7-10; Jer. 25:33; Apoc. 19:11-21). Assim, durante o milénio os incontáveis milhões dos não salvos estarão mortos.

Isto ajuda a explicar porquê as Escrituras dizem que Satanás será «preso» durante os mil anos. Desde que primeiramente tentou Adão e Eva no Jardim do Éden, Satanás sempre se tem ocupado em tentar enganar pessoas e levá-las ao pecado. Mas com

os justos no céu e os injustos nas suas sepulturas, ele nada terá a fazer. A Bíblia retrata-o como estando preso com uma corrente (Apoc. 20:1-2). A corrente é simbólica, não literal, assim como costumamos dizer que gostaríamos de ir a algum lugar ou fazer qualquer coisa mas não podemos porque temos as «nossas mãos amarradas». A transladação dos justos e a morte dos injustos são elos na corrente que prenderá Satanás.

A Bíblia diz que o lugar no qual Satanás será «preso» é o «abismo» (vers. 1, 3). Este «abismo» é a nossa terra. Na ocasião da vinda de Cristo, através de terremotos, tempestades e violência humana, esta terra será reduzida ao caos (ver Apoc. 16:18-20; Isa. 6:11; 24:1; Jer. 4:23-27). Tão devastadora será a destruição que prevalecerão as condições anteriores à semana da Criação. Na Tradução Grega do Velho Testamento, conhecida como a Septuaginta, é usada a mesma palavra em Génesis 1:2 para significar «sem forma e vazia» tal como é traduzida por «abismo» na Versão Almeida e outras versões portuguesas em Apocalipse 20:1. Assim, durante 1 000 anos Satanás estará preso ou amarrado pelas circunstâncias neste mundo devastado, possibilitado apenas a contemplar a ruína que operou em vidas humanas e na natureza.

No final do milénio, contudo, ele será «solto» ou tornar-se-á activo uma vez mais, quando os incontáveis milhões dos injustos forem ressuscitados para ouvirem a pronunciação da sua sentença e receberem o seu castigo. As Escrituras dizem: «E acabando-se os mil anos, Satanás será solto da sua prisão, e sairá a enganar as nações ... para as ajuntar em batalha» (Apoc. 20:7-8).

Porque ajuntará Satanás as pessoas para batalha? Porque ele deseja fazer um esforço final a fim de sair vitorioso na sua rebelião contra Deus. A Santa Cidade, o lar dos remidos, havendo descido à Terra (ver Judas 14-15), Satanás prepara-se para a atacar. O profeta João descreve o cenário nestas palavras: «E eu, João, vi a santa cidade, a nova Jerusalém, que de Deus descia do céu» (Apoc. 21:2), e os exércitos dos ímpios «subiram sobre a largura da Terra, e cercaram o arraial dos santos e a cidade amada» (Apoc. 20:9).

Mas o ataque falhará. Fogo procedente de Deus, do céu, consumirá Satanás e as suas hostes (versículo 9). Toda a terra se transformará num lago de fogo, um fogo que destruirá todo o vestígio do pecado e purificará a terra. O apóstolo Pedro descreve-o nestas palavras: «Os céus passarão com grande estrondo, e os elementos, ardendo, se desfarrão, e a terra, e as obras que nela há, se queimarão» (II Pedro 3:10).

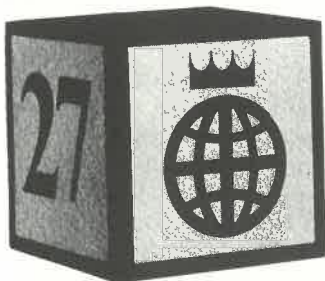
Assim, no final do milénio, Satanás e os que o têm seguido na rebelião serão destruídos. O universo ficará livre do pecado. E Deus recriará então esta terra como o lar eterno dos salvos. Escreveu Pedro: «Nós, segundo a Sua promessa, aguardamos novos céus e nova terra, em que habita a justiça» (II Pedro 3:13; ver também Apoc. 21:5).

«O grande conflito terminou. Pecado e pecadores não mais existem. O universo inteiro está purificado. Uma única palpação de harmonioso júbilo vibra por toda a vasta criação. D'Aquele que tudo criou emanam vida, luz e alegria por todos os domínios do espaço infinito. Desde o minúsculo átomo até ao maior dos mundos, todas as coisas, anima-

das e inanimadas, em sua serena beleza e perfeito gozo, declaram que Deus é amor.» — **O Grande Conflito**, pág. 542.

Para estudo adicional:

Ver Zac. 14:1-4; Mal. 4:1; II Tess. 1:7-9; Apoc. 19:17-18, 21.



## A Nova Terra

Quando o pecado e os pecadores forem finalmente destruídos, no final do milênio, o fogo que os consumir também consumirá a vileza do pecado desta terra. Deus fará então novas todas as coisas, fá-las-á como era Seu intento quando primeiramente criou esta terra (2 Ped. 3:10-13; Apoc. 21:5).

A nova terra conterá muitos deleites para os filhos de Deus, deleites tão além da nossa compreensão presente que «não se ouviu, nem com ouvidos se percebeu, nem com os olhos se viu um Deus ..., que trabalhe para aquele que n'Ele espera» (Isa. 64:4).

Embora não possamos imaginar até mesmo a mais pequena fracção das glórias reservadas para os remidos, a Bíblia ainda assim fornece uma surpreendente quantidade de informação.

Teremos mansões preparadas para nós por Jesus na casa de Seu Pai (João 14:1-3). Também construiremos casas para nós e as habitaremos (Isa. 65:17, 21). Cultivaremos a terra e comeremos o fruto do nosso trabalho (Isa. 65:21-22). Com as nossas mentes não mais obliteradas pelo pecado ou limitadas pelo tempo, estaremos aptos a aprender a sabedoria do universo incontaminado.

A dor e a tristeza que têm acompanhado as nossas vidas não mais existirão. João, o revelador, partilha connosco esta promessa em palavras retinentes: «Deus limpará de seus olhos toda a lágrima, e não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor; porque já as primeiras coisas são passadas.» (Apoc. 21:4). Imaginai, nunca mais ter de recuar o tempo em que a morte nos arrebate um amigo ou ente querido. Imaginai tendo todo o tempo na eternidade para arranjar novas amizades, manter essas amizades activas e em crescimento. Como disse alguém: «Podemos manter junto de nós todos aqueles que amamos intimamente, para sempre».

As mudanças operadas na natureza pelo pecado desaparecerão. Os corpos das pessoas serão fortes e eternamente jovens. As folhas das árvores não mais cairão mortas. Os animais serão mansos uma vez mais. «O lobo e o cordeiro se apascentarão juntos, e o leão comerá palha como o boi. ... Não farão mal nem dano algum em todo o meu santo monte, diz o Senhor» (Isa. 65:25).

---

## A nova Terra conterà muitos deleites para os filhos de Deus

---

A Nova Jerusalém, tendo descido de Deus do céu para a terra no final do milénio, será a capital do universo de Deus. No meio da cidade fluirá «o puro rio da água da vida» (Apoc. 22:1). De cada lado do rio estará a árvore da vida, «que produz doze frutos, dando o seu fruto de mês em mês; e as folhas da árvore são para a saúde das nações» (Apoc. 22:2). Não haverá noite na cidade; não precisará da luz do sol ou da lua porque a glória de Deus a iluminará (Apoc. 21:23). Uma vez que os filhos de Deus não se cansarão, não necessitarão da noite para descansar.

Mas muito para além de qualquer coisa material que receberemos como herdeiros deste país, será a recompensa de aberta e irrestrita comunicação com Deus e Cristo. Enquanto «agora vemos por espelho em enigma», então vê-l'Os «face a face: ... então conhecerei como também sou conhecido.» (1Cor. 13:12).

«E ao transcorrerem os anos da eternidade, terão mais e mais abundantes e gloriosas revelações de Deus e de Cristo. Assim como o conhecimento é progressivo, também o amor, a reverência e a felicidade aumentarão. Quanto mais aprendem os homens acerca de Deus, mais Lhe admiram o carácter. Ao revelar-lhes Jesus as riquezas da redenção e os estupendos feitos do grande conflito com Satanás, a alma dos resgatados fremirá com mais fervorosa devoção, e com mais arrebatadora alegria dedilharão as harpas de ouro; e milhares de milhares, e milhões de milhões de vozes se unem para avolumar o potente coro de louvor.» — **O Grande Conflito**, pág. 542.

«A obra da redenção será completa. Onde abundou o pecado, superabundou a graça de Deus. A terra, o próprio campo que Satanás reclama como seu, não tem de ser apenas redimido, mas exaltado. O nosso pequenino mundo, sob a maldição do pecado a única mancha escura da Sua gloriosa criação, será honrado acima de todos os outros mundos do universo de Deus. Aqui, onde o Filho de Deus habitou na humanidade; onde o Rei da Glória viveu, sofreu e morreu — aqui, quando Ele houver feito novas todas as coisas, estará o tabernáculo de Deus com os homens, 'com eles habitará, e eles serão o Seu povo, e o mesmo Deus estará com eles, e será o seu Deus'. E através dos séculos infindos, enquanto os remidos andam na luz do Senhor, hão-de louvá-l'O pelo Seu inefável Dom — Emanuel, 'Deus connosco'. — **O Desejado de Todas as Nações**, pág. 18.

Para estudo adicional:

Ver 2 Ped. 3:13; Gén. 17:1-8; Mat. 5:5; Apoc. 11:15.



# «Mil Dias de Colheita»

No próximo dia 18 de Setembro de 1982, os Adventistas do Sétimo Dia em todo o mundo iniciarão um novo período de evangelismo de magnitude sem precedentes denominado «Mil dias de Colheita». Estes 1000 dias atingirão a próxima sessão da Conferência Geral em Nova Orleães em 1985.

Milhões de Adventistas em todo o mundo levantar-se-ão e circularão as nossas publicações pejudas de verdade, em grandes quantidades, como predito, «como as folhas do Outono».

Muitos milhares de colportores evangelistas, em tempo integral, tempo parcial e estudantes, responderão ao chamado mundial para mais obreiros e deste modo apressar o cumprimento da profecia: «Mais de um milhar em breve se converterão num dia, a maioria dos quais atribuirá as suas primeiras convicções à leitura das nossas publicações». (*Review and Herald*, 10 Nov. 1885 ou *O Colportor Evangelista*, pág. 151).

Os oficiais da Divisão Euro-Africana estão completamente por detrás do novo alvo de «Mil dias de

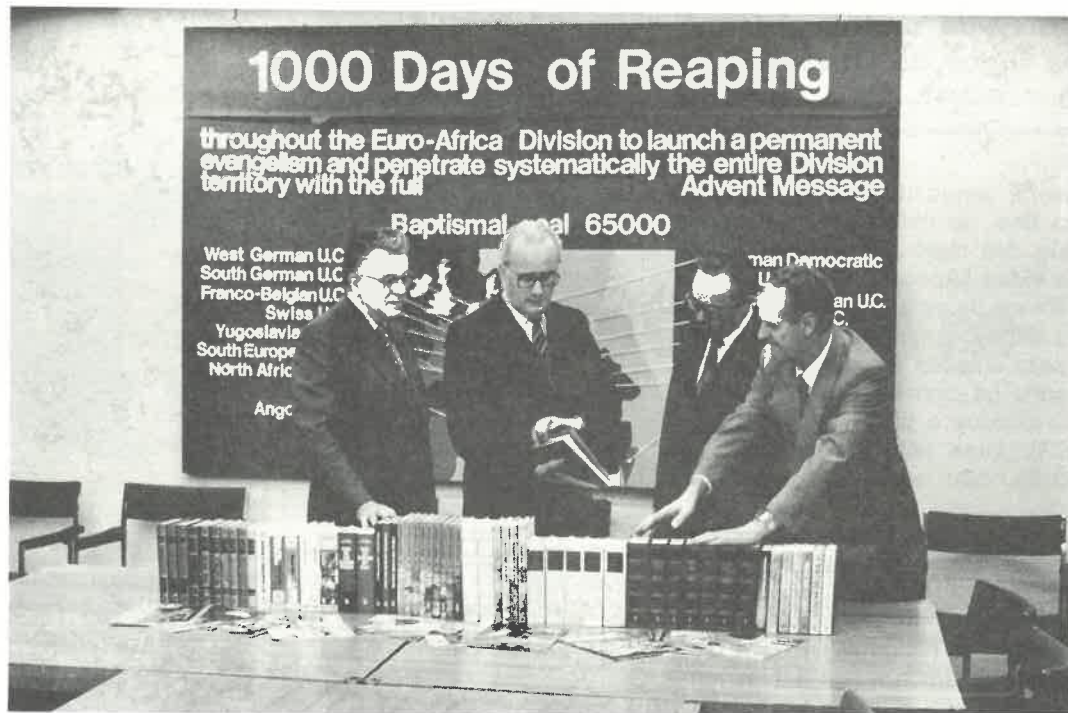
colheita», todos os programas de salvação de almas e particularmente o plano do Departamento de Publicações. As nossas 12 casas publicadoras estão a publicar em 31 línguas por meio de 77 revistas e um grande número de livros, panfletos e folhetos.

Muito está a ser feito actualmente, mas muito mais está a ser planeado para o futuro próximo. Está a ser promovido um novo plano para levar os membros de igreja e os colportores a distribuírem pequenos folhetos. Este novo programa denominado «Difusão Evangélica» começou na França e já teve um grande êxito. Este método será também aplicado noutros países da nossa divisão onde for legalmente possível. Tal método consiste em recrutar cada membro de igreja que esteja disposto a dispendir algumas horas por mês neste trabalho (pelo menos uma hora, mas até um número ilimitado). Um colportor, em perfeita comunhão com a igreja, é escolhido para dirigir cada grupo de 10 membros. Estes grupos são dirigidos pela igreja, mas o grupo de dirigentes é treinado e supervisionado pelos dirigentes das publicações. Em apenas alguns meses foram organizados grupos em 7 igrejas com um total de 140 «Difusores Evangelistas».

Esta espécie de Evangelismo por meio das publicações contribuirá certamente bastante para realizar o nosso alvo de «Mil Dias de Colheita».

## E. NAENNY

Director do Departamento de Publicações da Divisão Euro-Africana.



Os oficiais da Divisão Euro-Africana estão dedicados ao seu alvo.

Da esquerda para a direita:  
J. Zurcher  
E. Ludescher,  
E. Amelung e  
E. Naenny.

# Funcionamento da Assembleia em Sessão

Ao reunir-se a Assembleia da União, tem-se em vista a consecução de três objectivos principais: a edificação espiritual dos crentes, a informação acerca da situação do campo e das actividades realizadas durante o último triénio, e a discussão e votação de propostas de carácter deliberativo com projecção no futuro da Obra.

O primeiro objectivo é atingido pelo estudo da Palavra de Deus, pelas reuniões de oração, pelo intercâmbio cristão estabelecido entre os delegados e pelo próprio ambiente espiritual da Assembleia.

A apresentação de relatórios por parte dos oficiais e departamentais cessantes alcançará o segundo objectivo.

Mas o terceiro objectivo é o que verdadeiramente caracteriza o labor da Assembleia e para a sua execução foram nomeados pelas igrejas os respectivos delegados.

## Quem tem direito a voz e voto

Além dos delegados devidamente nomeados pelas diferentes igrejas da União, têm direito a voz e voto, de acordo com os Estatutos, as seguintes pessoas:

«Todos os membros do Conselho Executivo da União.

«Todos os membros da Conferência Geral, E da Divisão Euro-Africana que se encontrem presentes em qualquer sessão da União.

«Todos os ministros ordenados e autorizados de boa e regular conduta que se encontrem ao serviço da União, assim como todos ou outros obreiros com credencial de missionário acreditado.

«Os directores de todos os departamentos e instituições desta União.

«Outras pessoas que sejam recomendadas pelo Conselho Executivo e aceites pelos delegados em sessão; o número de delegados deste modo nomeados não poderá exceder 20% do número de delegados devidamente acreditados pelas igrejas organizadas.» (Artigo IV, alíneas b, c, d, e, f,).

## Ordem dos trabalhos na primeira reunião

O presidente da União inicia os trabalhos, dando lugar à apresentação dos delegados.

O secretário da União lê então a lista dos dele-

gados: primeiro, dos que foram nomeados pelas igrejas; depois, dos delegados por ofício.

Em seguida, lê os nomes de outras pessoas recomendadas pelo conselho da União, ao abrigo do Artigo IV, alínea f, dos Estatutos. A aceitação desses nomes será votada pelos restantes delegados presentes.

Quando todos os delegados tenham sido designados, o presidente declara a sessão organizada e pronta para prosseguir com os trabalhos.

A partir deste momento, o primeiro assunto a tratar será a recepção de novas igrejas que se tenham organizado no campo desde a última sessão e a aceitação de seus respectivos delegados.

O presidente apresenta nesta altura o relatório acerca da situação e das actividades da União durante o período que agora termina.

Após o relatório do presidente da União, o presidente da Comissão Preparatória convoca os membros da mesma para se reunirem a fim de procederem à nomeação das Comissões regulares da Assembleia. (1)

## Algumas normas a ter em conta no decurso da sessão

Para que se possam tomar resoluções é necessário que haja um quorum suficiente, que, de acordo com o Artigo VIII, secção 4, dos Estatutos, será constituído por um mínimo de 25 delegados presentes.

Estabelece a secção 3 do mesmo artigo «a eleição dos oficiais e a votação de todos e quaisquer assuntos administrativos será por levantar de mãos, a não ser que outro processo seja pedido por uma maioria dos delegados presentes.»

O tesoureiro, ao apresentar o respectivo relatório, não deve propor a sua adopção. Imediatamente após a leitura do relatório do tesoureiro deve ser lido o relatório do verificador, pelo próprio, se estiver presente, ou, na sua ausência, por outra pessoa indicada pelo que dirige a reunião. Só depois disso será adoptado o relatório do tesoureiro. (2)

Depois de lido o relatório de qualquer Comissão regular pelo respectivo secretário, este deve propor a sua adopção antes de se sentar.

A proposta deve ser apoiada e só depois se seguirá a discussão e votação da mesma.

No caso de objecção a algum nome apresenta-

do pela Comissão de Nomeações, o objector não deve mencionar o nome em público, mas simplesmente pedir que o relatório seja devolvido à Comissão. Poderá então expor pessoalmente a esta as suas razões. É evidente que uma objecção deve ser muito séria para que seja devidamente atendida.

Na discussão de propostas de outras Comissões ou delegados, quando sucessivos oradores repisem argumentos já invocados ou falem demasiadamente, a assembleia pode encerrar o debate pela apresentação de uma proposta de «questão prévia». Tal proposta não admite discussão e deve ser imediatamente posta à votação, depois de apoiada.

A propósito, lembramos a utilidade da leitura de qualquer manual que exponha as regras de funcionamento das assembleias deliberativas, a fim de se proceder com a devida ordem e de se evitarem inúteis perdas de tempo.<sup>(3)</sup>

### Que espírito deve reinar na Assembleia

Podem, sem dúvida, aplicar-se à Assembleia da União algumas declarações do Espírito de Profecia relativas à Assembleias da Conferência Geral ou a simples reuniões gerais.

Acerca da introdução de disputas doutrinárias em nossas Assembleias escreveu E. G. White: «Se estas coisas fossem introduzidas em nossas Assembleias, eu recusar-me-ia a assistir a uma delas; eu sei, porque recebi muita luz a este respeito, que corações não consagrados e não santificados amariam esse género de exercício. O dia vai demasiado avançado; meus irmãos, o dia vai demasiado avançado. Chegámos ao grande dia da expiação, uma época em que o homem deve afligir a sua alma, confessar seus pecados, humilhar seus corações perante Deus

e preparar-se para o grande conflito. Quando estas disputas são apresentadas diante do povo, pensarão que um tem o argumento decisivo e em seguida que o outro, directamente oposto, tem igualmente esse argumento. O pobre povo chega a estar confuso e a Assembleia será uma perda seca, pior do que se não tivesse sido Assembleia.

«Quando actualmente tudo é dissensão e luta, devem fazer-se ali esforços resolutos para não tratar, e não publicar, por escrito e oralmente, senão o que mostre harmonia.»<sup>(4)</sup>

A propósito do carácter espiritual de nossas reuniões lemos: «Reunimo-nos para edificar-nos mutuamente mediante uma permuta de ideias e sentimentos, para adquirir forças, luz e ânimo, através do mútuo conhecimento de esperanças e aspirações; e por nossas orações fervorosas e sinceras, feitas com fé, somos refrigerados e fortalecidos na Fonte de nossas forças.»<sup>(5)</sup>

«Deus confiou a nossas mãos uma obra por demais sagrada, e necessitamos de nos ajuntar em reuniões para receber instruções, a fim de nos habilitarmos a realizar essa obra. Precisamos de compreender que parte seremos individualmente chamados a desempenhar na edificação da obra de Deus na Terra, em vindicar a Sua santa lei, e em exaltar o Salvador de Deus que tira o pecado do Mundo'»<sup>(6)</sup>

#### Referências

(1) Oliver Montgomery, *Principles of Church Organization and Administration*, Washington, D.C. («Review and Herald»), 1942, págs. 102-104.

(2) *Id.*, *op. cit.*, pág. 104; *Working Policy of the General Conference of Seventh-day Adventists*, 1977, C 30-20.

(3) Por exemplo, o *Manual das Assembleias Deliberativas*, por Ruy L. P. R. Santos, publicado em 1972 pela Terceira Igreja Evangélica Baptista de Lisboa.

(4) E. G. White, Carta 37, 1887.

(5) *Testimonies for the Church*, vol. 2, pág. 578.

(6) *Op. cit.*, vol. 6, pág. 32.

## MARIANA MENDES PALMA

# Vós Sois a Luz do Mundo (S. Mateus 5:14)

Quando Jesus pronunciou estas palavras, certamente não queria referir-se ao estado de cegueira e obsessão que a humanidade haveria de atingir nestes últimos dias da história da Terra.

E hoje, olhando-nos, vemo-nos tal como nos encontramos, com séculos de degradação, a alma doente por tantas lutas e enganosa, a consciência da nossa própria impotência perante a avalanche do mal, divisando, muito ao longe, a débil figura de

Cristo crucificado por nós, vergando ao peso das nossas imensas transgressões.

Onde arranjar forças para sair deste clima caótico que nos sufoca e corresponder à afirmação de Cristo?

Como desertar desta podridão que nos envolve e resplandecer, rasgando os Céus para que o resto da humanidade acredite?

Ai, como fazer do gesto lição, como arrancar



da palavra facho luminoso que vá pelos mundos além levando a voz de Cristo?

Como emergir desta vil mortalha, deste sono de morte, para acordar aos brados as fronteiras do nosso mundo, pasmadas, submersas na mesma criminosa apatia, na mesma dura incredulidade?

A voz é frouxa, o grito débil, a acção viciada e não vão além dos limites de nós mesmos.

Que será preciso para realizar a vontade de Cristo e das fraquezas tirar forças e das trevas fazer luz e dos limites rasgar expansão tamanha que olhemos e compreendamos?

Agora, olhando o nosso estado não podemos entender. Como é que nós, seres caídos por tantas gerações de erro e de vício, podemos partir de nós mesmos à voz de Cristo, tomarmos como nosso o Seu querer e semear de luz este mundo entenebrecido, onde não chegam as harmonias do céu?

Mas a voz de Cristo chega nítida aos nossos ouvidos afirmando-nos para o íntimo:

---

#### **MARIANA MENDES PALMA**

Escritora livre. Membro da Igreja Adventista da Amadora.

---

«Vós sois a luz do mundo!»

Vale a pena acordar deste sono fatal, irmãos, erguermo-nos, trémulos em nossas forças para fazer nossa a força do Mestre, responder, confiantes de coração aberto:

«Eis-nos aqui, envia-nos, Senhor!»

E Jesus olha-nos sorrindo desde jeito de meninos querendo o Céu.

Mas foi Ele que nos bradou e com que ânsia perante esta agonia dos últimos dias:

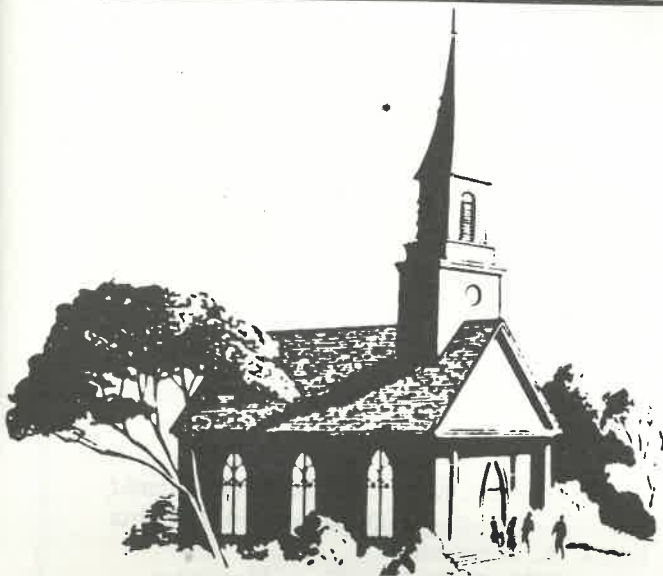
«Vós sois a luz do mundo!»

Se o quisermos a Sua luz estará em nós. O Seu poder será o nosso poder e incendiaremos o mundo a Seu mando, assim como Ele veio deitar fogo à Terra por vontade do Pai.

As Suas palavras ressoam na nossa alma, o Seu gesto trespassa-nos o entendimento, agarramos o facho das Suas mãos benditas e partimos a fazer a Sua vontade.

Ele disse: «Vós sois a luz do mundo!»

O poder que deu a mensagem há-de transformar os nossos corações, vencer o mal, banir o nosso ser mesquinho de forma que a luz de Deus arda em nós e possa rasgar novos caminhos às almas que estão assentadas em trevas.



---

## Endereços das Igrejas e Salas de Culto da Igreja Adventista do Sétimo Dia

ALMADA; Rua da Liberdade, 33 A  
ALPENDURADA; Serrinha — Entre-os-Rios  
AMADORA; Rua 1.º de Maio, 27 A  
ARGANIL; Rua Armando Nogueira de Carvalho, 3  
ATALAIA DO CAMPO; Igreja Adventista  
AVEIRO; Rua Castro Matoso, 38  
AVINTES; Rua das Agradas  
BAIXA DA BANHEIRA; Rua António Sérgio, 37 A  
BARREIRO; Rua Egas Moniz, 22  
BRAGA; Rua Frei Caetano Brandão, 101 A

CADAVAL; Rua Padre José Inácio Pereira  
CALDAS DA RAINHA; Rua Victor Lopes, 24  
CANELAS; Rua Delfim Lima, Lugar do Padrão  
CARREGAL DO SAL; Parada  
CASCAIS; Rua dos Navegantes, 72  
CASTELO BRANCO; Quinta do Amieiro de Cima,  
Lote 40  
CATUJAL; Rua 25 de Abril, Bairro das Queimadas  
COIMBRA; Rua Teixeira de Carvalho, 22  
COMENDA; Rua D. Delfina Pequito Rebelo, 38

DELÃES; Igreja Adventista  
ELVAS; Bairro Novo Cidade Jardim  
ENTRONCAMENTO; Rua 5 de Outubro, 73  
ERMESINDE; Rua das Macieiras, 41 Sta. Rita  
(Formiga)  
ESPINHO; Rua 18, n.º 236  
ÉVORA; Rua das Fontes, 21  
FARO; Praça Alexandre Herculano, 19  
FIGUEIRA DA FOZ; Rua 10 de Agosto, 62  
FIGUEIRÓ DOS VINHOS; Cêrro — Várzea Redonda  
FORTIOS; Igreja Adventista  
LAGOA; Antiga Rua do Matadouro  
LEIRIA; Rua Gomes Freire, 10  
LISBOA/CENTRAL; Rua Joaquim Bonifácio, 17  
LISBOA/ROÇADAS; Av. General Roçadas, 36 A-B  
LISBOA/ALVALADE; Rua Acácio Paiva, 29  
MATOSINHOS; Rua D. João I, 130  
ODIVELAS; Rua José Malhos, 16 A (à R. Egas  
Moniz)  
OLIVEIRA DE AZEMEIS; Rua Manuel Brandão, 110  
OLIVEIRA DO DOURO; Rua Dr. Gaspar Costa  
Leite, 395  
PAIVAS; Praceta Eça de Queirós, Lote 6 R/C Dto.  
PENICHE; Rua Eng. Frederico Ulrich, 18  
PERO NEGRO; L.A.P.I. Rua da Estação  
PONTE DE SOR; Rua 1.º de Maio, 52 B  
PORTALEGRE; Rua 1.º de Maio, 9  
PORTIMÃO; Rua das Oliveiras  
PORTO; Rua Ferreira Cardoso, 103  
PÓVOA DE S. COSME; Ervedal Beira — Oliv. do  
Hospital  
QUELUZ; Av. Luís de Camões, 36-38  
REBOLEIRA; Av. da Aviação Portuguesa, 4 A e B  
RIBEIRA DE NISA; Igreja Adventista, Monte  
Carvalho  
RIO MAIOR; Rua do Norte, 10  
SALVATERRA DE MAGOS; Av. José Brito Seabra  
(à Escola Nova)  
SANTARÉM; Av. António Maria Baptista, 40 A e B  
SANGALHOS; Rua da Estação  
SANTANA; Igreja Adventista  
Sto. ANTÓNIO DAS AREIAS; Rua 25 de Abril, 5  
SÃO BRÁS DE ALPORTEL; Rua João Rosa  
Beatriz, 66  
SÃO JOÃO DA RIBEIRA; Frente à Fábrica de  
Conserva  
SÃO JULIÃO; Igreja Adventista  
SETÚBAL; Rua Latino Coelho, 8  
SINTRA; Rua General Morais Sarmiento, 10  
TORRES VEDRAS; Rua Guilherme Gomes  
Fernandes, 18  
TOMAR; Rua dos Arcos, 29  
VALE QUEIMADO; LAPI — Salvaterra de Magos  
VIEIRA DE LEIRIA; Rua da Ponte Nova  
VILA DO CONDE; Rua do Pinhal (ao Campo do Rio  
Ave)

VILA FRANCA DE XIRA; Rua Noel Perdigão, 51  
VILA NOVA DE GAIA; Rua Soares dos Reis, 287 r/c  
VILA NOVA DE MONSARROS; Além Rio  
VILA REAL DE Sto. ANTÓNIO; Rua Dr. Passos, 100  
VILA REAL DE TRÁS OS MONTES;  
VISEU; Rua João Mendes, 104  
VIZELA; Rua Elias Garcia, n.º 20

## ILHAS

### AÇORES

ANGRA DO HEROISMO; Rua 5 de Outubro, 10  
S. Miguel  
CAIS DO PICO; Rua do Poço  
FETAIS DA PIEDADE; Pico  
LOMBA DE S. PEDRO; Lomba do Meio,  
Ilha de S. Miguel  
PONTA DELGADA; Rua de Sant'Ana — Ilha de  
S. Miguel  
PRAIA DA VITÓRIA; Junto ao Portão da Base  
Aérea Portuguesa, Lajes

### MADEIRA

CANIÇO; Igreja Adventista, Assomada  
FUNCHAL; Rua Conde Carvalhal, 6 A  
FUNCHAL; Igreja Adventista, Bairro de Sto. António

### PORTO SANTO

SITIO DA VILA; Rua Dr. Pedro Lomelino, 5 —  
Casa do Meio

## GRUPOS

ALPALHÃO; Rua da Cruz (Nos Altos do Barbeiro)  
ARCOS DE VALDEVEZ; Largo da Valeta, n.º 18  
ATALAIA; J. C. Tavares — Gavião  
AVEIRAS DE CIMA; Casa do Irmão Amado,  
Quinta da Fonte Santa  
BEJA; A. Echevarria  
BELMONTE; Guilherme Gil — Maçainhas  
CASTELO DE VIDE; Rua de Santo Amaro, 34  
MOINHO DO TORRÃO; Monte dos Pereiros —  
Margem  
NISA; Rua Dr. Graça, 32  
RASA; Monte Roxo — Moinho  
RÉGUA; A. Lopes (Viseu)  
S. FELIX DA MARINHA; Rua de Forta  
VALE TRAVELHO; M. Cordeiro (Leiria)  
VIANA DO CASTELO; (Ermesinde) Rua das  
Caldeiras, 14

# LAR PARA ESTUDANTES ADVENTISTAS EM OLIVEIRA DO DOURO

De acordo com o projecto feito, o internato para estudantes adventistas em Oliveira do Douro estará aberto a partir de Outubro próximo.

A abertura deste lar é um empreendimento que necessita da ajuda de todos.

As despesas são grandes e têm que ser partilhadas por todos.

Todos os Irmãos interessados em enviar para ali os seus filhos poderão estar certos de que faremos tudo para que encontrem um ambiente cristão e se possam sentir bem.

As condições são as seguintes:

1) Idade normal de admissão . . . . . 12 anos

2) Modalidades do internato

a) Normal

- Os alunos permanecerão todos os dias no Internato.

- Alimentação . . . . . 3.500\$00

- Quarto . . . . . 1.500\$00

5.000\$00

- Os alunos terão que trabalhar uma hora por dia, seis dias.

b) Especial

- Os alunos permanecerão no internato de segunda a sexta-feira passando o fim de semana em casa.

Serão aceites alunos a partir dos 10 anos nesta modalidade.

- Alimentação . . . . . 2.500\$00

- Quarto. . . . . 1.500\$00

4.000\$00

- Os alunos nesta modalidade terão que trabalhar uma hora por dia durante cinco dias.

- Podem-se receber igualmente estudantes universitários que estudem no Porto.

## MENSALIDADES NO COLÉGIO

Ciclo . . . . . 3.000\$00

Unificado . . . . . 3.600\$00

10.º Ano . . . . . 4.000\$00

Os alunos adventistas terão o desconto habitual nestas mensalidades.



Amigo,

Já adquiriu estes livros? Não perca tempo. Faça a sua encomenda hoje mesmo ao Secretário da Sociedade Missionária da sua Igreja ou à:

**PUBLICADORA ATLÂNTICO, S.A.R.L.**

Rua Salvador Allende. lote 18 • 2686 SACAVÉM Codex